

RELATÓRIO DE ANÁLISE DE MÍDIAS SOCIAIS

redes sociais, portais de notícias e anúncios políticos

Bets, tigrinho e cassino online · o debate brasileiro sobre apostas (painel)

21/09/2026 · PERÍODO ANALISADO: 14/09/2026 A 21/09/2026 · 34 GRÁFICOS

O relatório examina o debate público brasileiro sobre apostas — as bets de quota fixa, o cassino online e os jogos de sorte instantânea conhecidos como tigrinho, foguetinho e aviãozinho —, com o objetivo de responder a quatro perguntas: quem fala do assunto e de que lugar, que moralidade ele mobiliza, como se divide a disputa entre regular, proibir e manter, e quem paga para falar do tema. O recorte cobre o período de 14 a 21 de setembro de 2026, quando o governo federal estuda uma medida provisória para restringir as bets e proibir o cassino online, e mobiliza os frameworks de posicionamento, valência e emoções, enquadramentos específicos, o Modelo de Análise de Papéis Atancial-Morais (MAPAM), as Fundações Morais de Haidt (MFT), causalidades atribuídas, valores republicanos, confiança institucional, valores de Schwartz, tipos de ator, influenciadores, viralização, veículos, pessoas e instituições citadas, subtemas e os anúncios políticos da Meta. Os resultados principais mostram que a oposição às apostas domina a exposição durante quase toda a semana, caindo de 66,9% do engajamento em 14 de setembro para 58,5% no dia 19, enquanto o apoio sobe de 16,2% para 35,4% no mesmo intervalo, antes de uma inversão brusca no dia 21, quando o apoio salta a 87,1%; o sentimento negativo responde por mais de dois terços do engajamento em todos os dias, exceto no dia 21, quando o positivo chega a 84,8%; o desprezo e a indignação concentram a economia afetiva, com o deboche em 51,3% no dia 19 e a revolta em 69,2% no dia 15; a corrupção moral é o enquadramento dominante, com 28,7% em 14 de setembro e 39,1% no dia 15; e as vítimas aparecem à frente dos agressores em todos os dias. A conclusão central é que a semana não consolidou uma maioria estável contra as bets, mas uma maioria de exposição contrária atravessada por um pico de reação favorável, o que exige observar a instabilidade nos próximos dias e sustenta que o campo da restrição tem a emoção a seu favor, mas não a esperança: a onda é de repulsa, não de fé na providência oficial.

SOBRE A PLATAFORMA

A Orikom, plataforma de inteligência social da IPSE Global, acompanha diariamente o debate público brasileiro sobre política, clima e democracia em redes sociais, imprensa e anúncios políticos, e lê cada publicação com um conjunto de modelos de análise do discurso. Os painéis e relatórios do Laboratório cruzam esses modelos com apoio da Ori, a inteligência analítica da plataforma.

O QUE SE MONITORA

Redes e plataformas: Instagram, TikTok, X e YouTube; a Meta Ads, com o que foi veiculado como anúncio no Instagram, no Facebook, no Threads, no Messenger, no WhatsApp e na rede de parceiros da Meta; e a imprensa — os principais portais do país, mais tudo o que sai no Google News e no Bing. A coleta é contínua, por perfil e por palavra-chave: 4.446 perfis em coleta dedicada (Instagram 1.635, TikTok 891, X 828, YouTube 679) e 531 coletas por palavra-chave, sobre uma taxonomia de 7.320 termos em 58 temas e 283 subtemas (1.467 ativos no ciclo do momento e 772 em reserva, com termos emergentes entrando a cada cinco horas). Na imprensa, cerca de 900 veículos com cobertura recorrente.

Quem: todos os candidatos nacionais e estaduais de 2026 da lista oficial do TSE; os eleitos para presidente, governador, senador e deputado; os ministros nomeados; os perfis institucionais de órgãos públicos; influenciadores; e as mídias tradicionais e alternativas — 14.910 candidatos de 2026 da lista oficial do TSE, com 32.693 perfis declarados nas redes, entram tanto na coleta quanto na classificação. Quem fala e quem é citado são reconhecidos por um cadastro de 36.536 entidades: 19.994 candidatos e políticos (TSE), 2.939 pessoas, instituições e veículos do debate, e 13.603 entidades vindas do Wikidata (5.649 órgãos públicos, 5.602 lugares com código IBGE e 2.352 vozes digitais com ocupação e redes).

COMO SE CLASSIFICA

Cada publicação é lida por 19 modelos analíticos em 30 blocos de classificação, 43 dimensões de leitura e 16 métricas de exposição: tema e subtema; tipo de autor (político, influenciador, mídia, órgão público, cidadão comum); entidades citadas (pessoas, instituições, veículos, lugares, marcas); sentimento e emoções; enquadramentos genéricos e específicos; posicionamento (apoio, oposição, relato); as sete fundações morais de Haidt com o polo acionado; valores de Schwartz; visões de mundo de Kahan; papéis atribuídos (MAPAM, da IPSE); confiança, coragem, força e esperança atribuídas ao ator (CCFE, da IPSE); valores republicanos; padrão de confiança institucional; polarização (tipo e grau); causalidades atribuídas; tipos de desinformação; tipos de engajamento político; exigência de prova; permeabilidade e vulnerabilidade democrática. Os rótulos descrevem o que cada texto diz — retratam o debate público, não a opinião do eleitor.

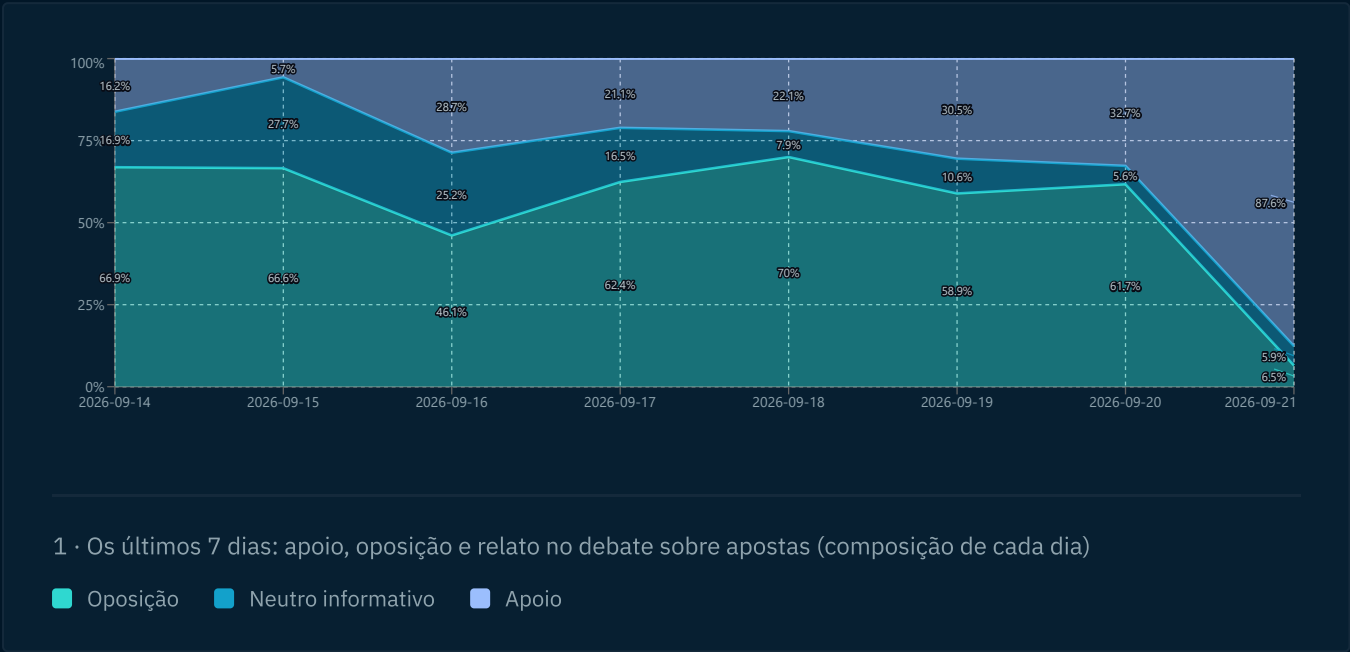
ESTE RECORTE

Relatório “Bets, tigrinho e cassino online · o debate brasileiro sobre apostas” com 34 gráficos; período: todo o histórico da base, com 6 séries dos últimos 7 dias, dia a dia. Recorte comum aos gráficos — termos no texto: bets, aposta, apostador, tigrinho, cassino, ludopatia, jogos de azar, caça-níquel, bet365, betano, pixbet, superbet, estrelabet, betnacional, sportingbet, vaidebet, esportes da sorte, novibet, bet7k, loterj,

quota fixa, blaze. Esse recorte envolve 4.251.813 interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) de 4.529 autores distintos, em 9.141 publicações. A exposição é sempre medida por engajamento; as séries diárias são lidas em composição do dia; as composições percentuais fecham em 100%.

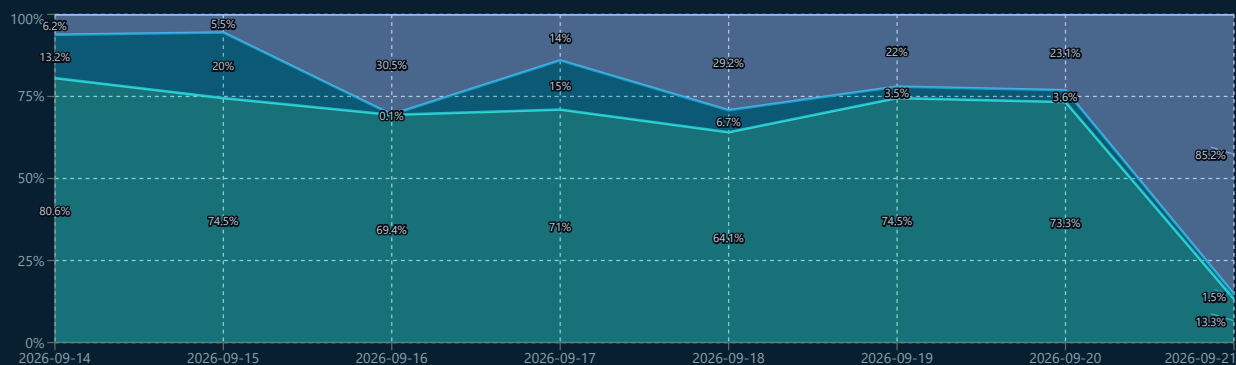
Ficha gerada em 21/09/2026; números de monitoramento atualizados em 2026-09-14.

LEITURAS COMPLEMENTARES



A semana termina com a oposição às apostas ainda majoritária, mas em trajetória de perda: o engajamento contrário à restrição — ou, mais precisamente, contrário ao objeto em disputa, as bets e o cassino online — cai de 66,9% do engajamento do dia 14 para 58,5% no dia 19 e 59,1% no dia 20, enquanto o apoio sobe de 16,2% para 35,4% no mesmo intervalo, antes de uma virada brusca no dia 21, quando o apoio salta para 87,1% do engajamento do dia. O relato neutro, que mede o que apenas informa sem tomar partido, oscila sem direção clara: começa em 16,9%, sobe a 27,7% no dia 15, desaba a 7,9% no dia 18 e termina em 6,4% no dia 21. O que este gráfico mostra, portanto, é uma disputa em que a posição contrária às apostas domina a exposição durante quase toda a semana, mas perde terreno exatamente quando o assunto ganha corpo — e o dia 21, com a inversão completa, sugere que a defesa das bets encontrou um pico de mobilização concentrado, não uma tendência de sete dias.

Vale dizer o que essa composição revela sobre a natureza do debate: a oposição às apostas é o discurso padrão da semana, mas o apoio não é residual — ele cresce de forma consistente entre os dias 16 e 20, quando o engajamento total do dia atinge seus maiores patamares, o que indica que a defesa das bets não é silenciosa nem marginal, e sim uma reação que se intensifica à medida que a restrição avança. O dia 16 é o ponto de inflexão: a oposição cai a 46,1%, o apoio sobe a 28,7% e o relato neutro se mantém em 25,2%, num dia de engajamento menor — o que sugere que, quando o volume de exposição recua, a composição se equilibra, e quando ele explode, a oposição volta a dominar. Já o dia 21, com 87,1% de apoio e apenas 6,5% de oposição, não é a continuação dessa curva: é um evento de mobilização concentrada, provavelmente um conteúdo específico que puxou o engajamento para o lado da defesa das apostas, e que precisa ser lido como episódio, não como tendência. A leitura que este gráfico sustenta é que a semana não consolidou uma maioria estável contra as bets: consolidou uma maioria de exposição contrária que, no fim, foi atravessada por um pico de reação favorável — e é essa instabilidade que o painel deve observar nos próximos dias.

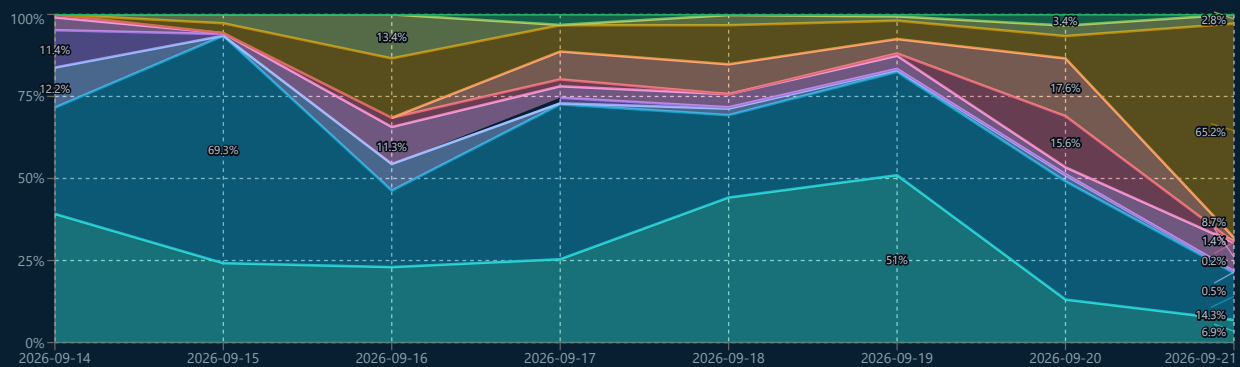


2 · Os últimos 7 dias: o tom de quem fala de apostas

■ Negativo ■ Neutro ■ Positivo

O tom de quem fala de apostas no Brasil é de condenação quase unânime, e a semana revela que essa condenação não é estável: ela oscila ao sabor do que entra na conversa, e o que entra na conversa, nos dias de maior circulação, é a defesa das bets. Nos sete dias medidos, o sentimento negativo responde por 80,6% do engajamento do dia 14, 74,5% no dia 15, 69,4% no dia 16, 71,0% no dia 17, 64,1% no dia 18, 74,2% no dia 19 e 71,7% no dia 20 — sempre a fatia dominante, sempre acima de dois terços, com o neutro variando entre 20,0% (dia 15) e 0,1% (dia 16) e o positivo entre 5,5% (dia 15) e 30,5% (dia 16). A exceção é o último dia da série, 21 de setembro, quando o positivo salta para 84,8% e o negativo cai a 13,7%: uma inversão completa, que não descreve uma virada de opinião, mas a entrada em cena de um conteúdo de outra natureza — provavelmente promocional, de exibição de ganho ou de defesa do setor —, num dia em que o engajamento classificado é uma fração do que foi nos dias anteriores. Vale dizer: o que o gráfico mede é exposição, não prevalência de discurso; e a exposição, aqui, é puxada por poucos conteúdos de grande alcance, o que explica tanto a dominância persistente do negativo quanto o seu derretimento no dia 18, quando o positivo sobe a 29,2% e o neutro a 6,7% — movimento que sugere a entrada de material de marca, patrocínio ou campanha de casa de aposta no meio do debate.

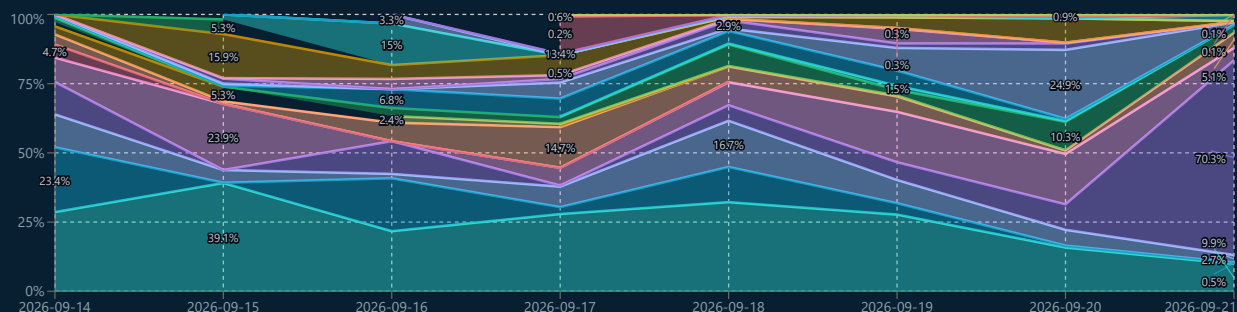
A leitura que importa é esta: a condenação às bets é o piso do debate, não o seu teto. O negativo domina a semana inteira porque o dano social — vício, dívida, sofrimento das famílias — é a linguagem em que o assunto se estabiliza; mas os dias em que o positivo cresce são justamente os de maior circulação, o que indica que o dinheiro da propaganda e a exibição de ganho têm força para deslocar o tom quando entram. Quem fala de apostas, portanto, fala majoritariamente contra; quem paga para falar, fala a favor — e a série mostra que, quando o segundo lado se move, o primeiro perde terreno proporcional, sem desaparecer. É a disputa entre o discurso do dano e o discurso do prêmio, e o gráfico diz que o dano ganha em consistência, mas o prêmio ganha em alcance nos dias em que aparece.



3 · Os últimos 7 dias: as emoções que o assunto mobiliza

■ Desprezo
 ■ Indignação
 ■ Tristeza
 ■ Nojo
 ■ Alegria
 ■ Medo
 ■ Raiva
 ■ Esperança
 ■ Orgulho
 ■ Surpresa

O que a semana das apostas revela é uma economia afetiva do escárnio: o desprezo e a indignação concentram a exposição, e a esperança, quando aparece, é ruído de um único dia. Nos últimos sete dias, medidos em percentual do dia sobre o engajamento, o desprezo responde por 39,1% em 14 de setembro, 24,2% no dia seguinte, 23% em 16, 25,4% em 17, 44,2% em 18 e 51,3% em 19 — ou seja, na véspera do fechamento do painel o deboche é a emoção dominante de metade da conversa. A indignação, que é a emoção própria da denúncia, salta a 69,2% em 15 de setembro, cai a 23,3% em 16, volta a 47,2% em 17 e recua a 25,1% em 18 e 31% em 19: o pico de 15 é o dia em que o assunto foi tratado como escândalo, e o restante da semana alterna entre a revolta e a zombaria. A esperança, que mede a disposição de acreditar numa saída institucional, só ganha corpo em 16 de setembro, com 18,1%, e em 18, com 11,9% — fora disso, some. A alegria, o orgulho e o medo são franjas: a alegria não passa de 11,3% (16 de setembro), o orgulho de 13,4% (mesmo dia) e o medo de 2,8% (também em 16). A leitura que este gráfico sustenta é que a disputa sobre as bets não se trava no registro da compaixão com o apostador endividado nem no da confiança na medida do governo: trava-se no registro do asco e da revolta, com um dia de exceção em que a esperança e o orgulho disputaram espaço — provavelmente o dia em que a restrição apareceu como vitória possível. Como o gráfico mede composição do engajamento dia a dia, e não volume, o que ele diz é que, quando o assunto mobiliza, mobiliza pelo fígado: o desprezo pelas casas de apostas e a indignação contra o que elas representam são o combustível da conversa, e a esperança, quando surge, é frágil e intermitente. Para a tese do painel — quem fala de apostas, com que moralidade e em que disputa entre regular, proibir e manter —, isso significa que o campo da restrição tem a emoção a seu favor, mas não a esperança: a onda é de repulsa, não de fé na providência oficial.

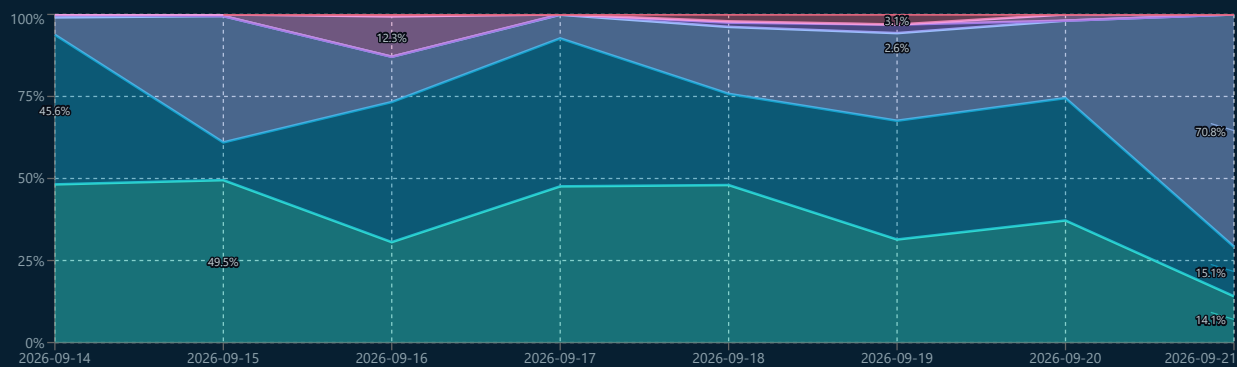


4 · Os últimos 7 dias: os enquadramentos em disputa



Nos últimos sete dias, o que se disputa no debate sobre apostas não é a economia nem a saúde pública: é o caráter. A evidência está na composição diária do gráfico, que mede a fatia de cada enquadramento específico — o ângulo de conteúdo pelo qual o texto organiza o assunto — dentro do engajamento total do dia, e mostra a corrupção moral como eixo dominante em praticamente toda a semana: 28,7% do engajamento de 14 de setembro, 39,1% no dia 15, 21,6% no dia 16 e 28,0% no dia 17. Ou por outra: quando o brasileiro se engaja com o tema das bets, ele não está discutindo regulação, está apontando o dedo. O segundo lugar muda de dono conforme o dia — a incompetência estatal responde por 23,4% em 14 e 19,1% em 16, o conflito povo contra elite salta a 23,9% em 15, a espetacularização política aparece com 15,9% no mesmo dia e some nos demais —, mas o topo permanece estável. Vale dizer: a semana tem um só protagonista moral e uma plateia de coadjuvantes que trocam de papel a cada 24 horas.

O que isso sugere é que a disputa sobre as bets está sendo travada no terreno da degradação, não no da regulação. A corrupção moral, que aciona o polo do vício — a ideia de que algo se corrompeu, de que há podridão onde deveria haver decência —, domina o engajamento mesmo nos dias em que o volume do debate recua, e a queda da incompetência estatal de 23,4% para 0,1% entre 14 e 15 de setembro, seguida de sua volta a 19,1% em 16, mostra que a crítica à capacidade do Estado de conter as bets é um argumento de reserva, não o argumento principal. Quando o conflito povo contra elite dispara a 23,9% em 15 de setembro, o que está em jogo não é a eficácia da medida provisória em estudo, mas a suspeita de que alguém — o governo, os donos das casas, os políticos — está lucrando enquanto o povo perde. E quando a espetacularização política aparece com 15,9% no mesmo dia, o enquadramento deixa de tratar do problema e passa a tratar do circo em que ele se transformou. A semana termina, em 17 de setembro, com a corrupção moral ainda em 28,0% e os métodos de contenção e mitigação — o enquadramento de quem discute como regular, fiscalizar ou bloquear — em 14,7%, menos da metade do peso da indignação moral. O gráfico, portanto, não mede o que se propõe sobre as bets: mede o que se sente sobre quem as permite.

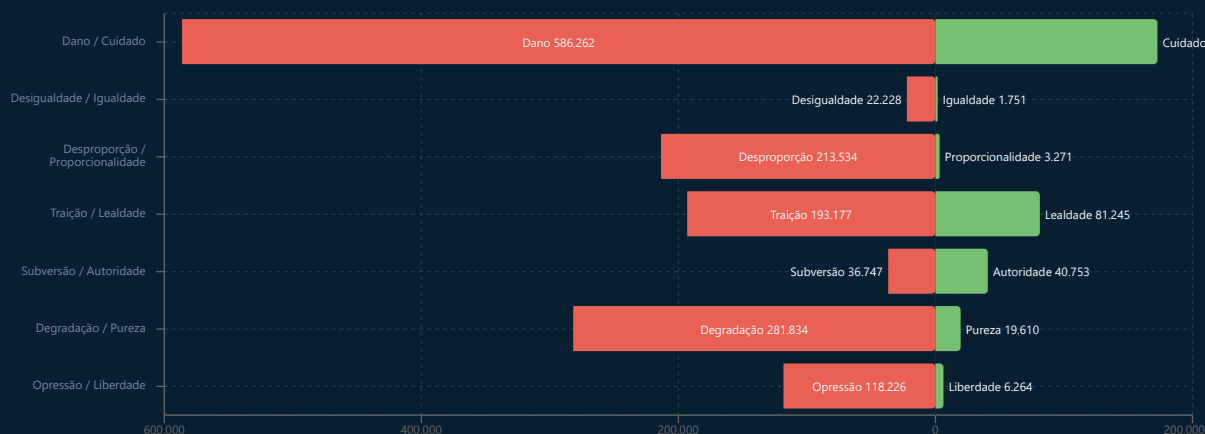


5 · Os últimos 7 dias: quem é vítima, quem é agressor e quem é protetor no discurso (MAPAM)

■ Vítima ■ Agressor ■ Protetor ■ Comunidade ■ Reparador ■ Estrutura

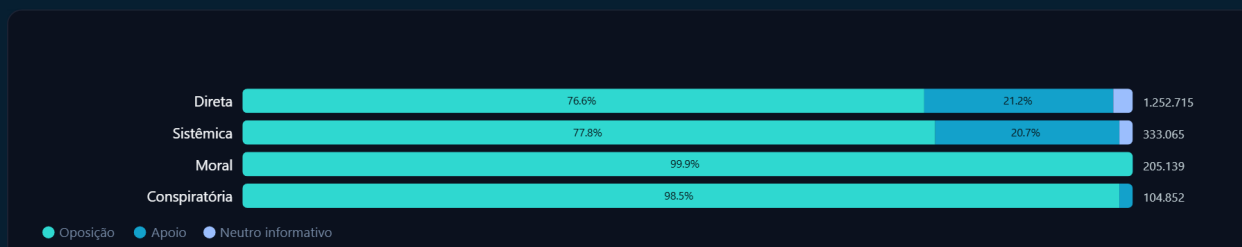
A semana das bets é uma semana de vítimas: em todos os sete dias, quem sofre aparece à frente de quem causa, e o dano social — o vício, a dívida, a família quebrada — é o que organiza o discurso, não a regra nem o mercado. O MAPAM, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, mede os papéis que cada autor atribui a quem cita numa situação de dano ou risco — quem sofre, quem causa, quem deveria proteger, quem deve reparar —, e aqui a vítima responde por 48,2% do engajamento em 14 de setembro, 49,5% em 15, 47,6% em 17 e 48,1% em 18, sempre à frente do agressor, que oscila entre 45,6% e 45,1% nos mesmos dias. A exceção é o fim de semana: em 19 e 20 de setembro o agressor passa à frente (35,7% e 36,3%, contra 30,6% e 36,1% da vítima), e em 21, num dia de composição inteiramente distinta, o protetor salta para 71,1% enquanto vítima e agressor caem para 13,9% e 15,0%. Vale dizer: o que domina a semana é a gramática do sofrimento, e o agressor só assume o protagonismo quando o debate se desloca para a denúncia — o que sugere que a disputa sobre as bets se trava menos em torno de quem regula e mais em torno de quem é a vítima e quem é o algoz.

O reparador, aquele a quem se atribui a obrigação de consertar o dano, é quase invisível: 12,3% em 16 de setembro, 2,0% em 20, 0,5% em 15, e some nos demais dias. O protetor, que deveria ser o Estado, o Congresso, a CPI, a medida provisória em estudo, só ganha peso real em 15 de setembro (38,5%) e no fim de semana (27,6% e 25,6%), antes de explodir em 21 — dia em que a composição muda por completo e a proteção vira o papel central. A estrutura, que reproduz o dano, aparece em 3,2% em 19 e 2,1% em 18, e a comunidade, os afetados coletivamente, nunca passa de 2,8%. A leitura que se impõe é que o debate das bets é um debate sobre o dano e sobre o culpado, não sobre a solução: a vítima e o agressor somam a maior parte do engajamento em quase todos os dias, enquanto quem poderia proteger e quem deveria reparar ficam na margem — e é justamente essa margem que a medida provisória em estudo tenta ocupar.



6 · O perfil moral completo do debate sobre apostas: as sete fundações, com polaridade (MFT)

O que o debate sobre apostas revela não é uma condenação moral em sentido estrito, mas uma comoção de cuidado ferido: a fundação moral do cuidado responde por 25,1% de todo o engajamento do gráfico no polo do dano e por 12,9% no polo virtuoso, somando mais de um terço da exposição total — e, dentro da própria fundação, 66% do engajamento aciona o vício do dano contra 34% que aciona o cuidado protetivo. A Teoria das Fundações Morais (MFT) mede quais fundações morais o texto aciona, cada uma com polo virtuoso e polo de violação; aqui, o que domina é a narrativa do apostador lesado, da família endividada, do jovem destruído pelo tigrinho — o dano concreto como motor afetivo. Logo atrás vêm a proporcionalidade, que mede a percepção de mérito e justiça na troca, com 16,1% do total e 93,5% de sua composição no polo da trapaça — a leitura de que a casa de apostas leva vantagem indevida, de que o jogo é viciado contra o apostador —, e a pureza, com 12,3% do total e 93,5% no polo da degradação, o que sugere que a aposta é enquadrada como corrupção do corpo, da família e da ordem social, não apenas como risco financeiro. A lealdade aparece com 8,4% no polo da traição, e a liberdade, com 4,6% no polo da opressão, mas chama atenção o dado mais eloquente deste gráfico: 94,2% de toda a composição da liberdade em polo neutro ou ambíguo — ou seja, quando o debate evoca a liberdade, não o faz para defender o direito de apostar nem para denunciar a opressão de quem aposta, mas para registrar uma tensão não resolvida entre o direito individual e a proteção coletiva. A igualdade é a fundação menos mobilizada, com 5,3% no polo da desigualdade, e a autoridade, com 3,7% no polo da subversão, o que sugere que a disputa não se organiza primariamente como confronto institucional nem como denúncia de desigualdade estrutural. O que este gráfico mostra, em suma, é que a moralidade do debate sobre apostas é uma moral de vítimas e algozes concretos, não de princípios abstratos: o cuidado ferido e a trapaça percebida concentram a indignação, enquanto a liberdade — que poderia ser o argumento da indústria e dos apostadores — aparece quase sempre sem lado, o que sugere que nem os defensores da atividade conseguiram transformar a liberdade individual em bandeira mobilizadora.



7 · De que as apostas são apontadas como causa: causalidades atribuídas, por posicionamento

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

A oposição às apostas se move por diagnóstico de causa direta — o vício e a exploração do apostador como dano concreto —, e é esse o combustível que faz o discurso contrário às bets circular: entre as publicações que atribuem a causa a um agente direto, a oposição responde por 76,3% do engajamento da barra, contra 21,5% do apoio e 2,2% do relato neutro. Causalidade, aqui, é a quem o texto atribui a origem do problema; posicionamento é o que ele faz diante da restrição às apostas e do governo que a propõe. O quadro mostra que a crítica não se organiza pela denúncia de um sistema abstrato, mas pela figura de quem lesa: quando a causa apontada é direta, a oposição domina; quando é sistêmica, a barra se reparte de outro modo, com 78% do engajamento daquela causa ainda na oposição, mas com o apoio subindo a 20,5% — sinal de que parte de quem defende a restrição prefere culpar a estrutura, não o agente. A causa moral é praticamente monopólio da oposição, com 99,9% do engajamento da barra contra as bets, e a conspiratória também, com 98,5% — ou seja, quem enxerga por trás das apostas uma degradação moral ou uma armação deliberada está, quase sem exceção, do lado de quem quer restringir. No conjunto do gráfico, a oposição concentra 50,5% do engajamento total na causa direta, 13,9% na sistêmica e 10,3% na moral, enquanto o apoio se agarra sobretudo à leitura direta (14,3%) e à sistêmica (3,7%), e o relato neutro é residual. O que este gráfico sugere é que a disputa sobre as bets, no que se refere ao diagnóstico de culpa, está sendo ganha pela oposição em todos os terrenos causais — e que o apoio à manutenção ou à não restrição não construiu um diagnóstico próprio capaz de disputar a narrativa do dano direto.

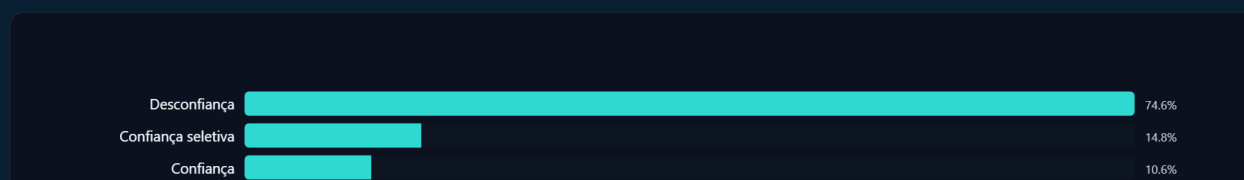


8 · O que o debate exige do Estado: valores republicanos mobilizados

O que o debate sobre apostas exige do Estado não é fiscalização contábil: é proteção da coisa comum. A evidência está na própria hierarquia dos valores republicanos mobilizados — o bem comum responde por 42,8% de todo o engajamento do recorte, e a prestação de contas por 38,1%, somando juntos quatro quintos da exposição. Vale dizer: quando o país fala de bets, tigrinho e cassino online, o que se aciona não é o tecnicismo da regulação, mas a ideia de que há um interesse coletivo sendo corroído e de que alguém deve responder por isso. A transparência (6,5%), a defesa da lei pessoal (6,3%) e a separação entre o público

e o privado (4,2%) vêm muito atrás, e a participação cívica (1,7%) e o combate ao patrimonialismo (0,4%) são residuais. A leitura é direta: o público não pede auditoria, pede tutela — quer o Estado como protetor de uma comunidade lesada, não como regulador de um mercado. E o fato de a prestação de contas vir logo atrás do bem comum sugere que a exigência não é abstrata: há um culpado a ser nomeado, e a pergunta "quem responde por isso?" está embutida na própria indignação.

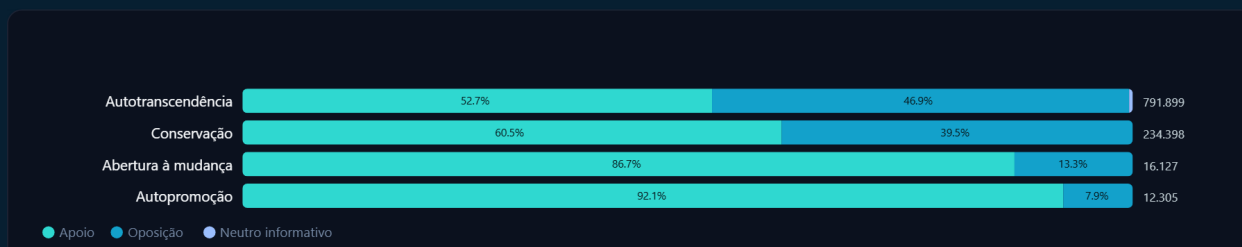
O que este gráfico específico revela sobre a disputa é que a restrição às apostas, hoje em estudo pelo governo federal, encontra no discurso público um terreno moral já preparado — mas preparado para a proteção, não para a técnica. Os valores que exigem procedimento, impessoalidade e controle (transparência, lei impessoal, separação público-privado) somam pouco mais de um sexto do engajamento, enquanto a dupla bem comum e prestação de contas concentra a quase totalidade. Isso sugere que uma medida provisória que se apresente como ato de proteção da comunidade e de responsabilização dos agentes tende a ressoar; uma que se apresente como ajuste regulatório, fiscal ou burocrático, dificilmente encontrará eco na mesma intensidade. A participação cívica quase ausente (1,7%) indica, por sua vez, que o debate não está sendo enquadrado como questão de mobilização da sociedade, mas como demanda dirigida ao Estado — o que reforça a tese de que o que se pede é tutela, e não engajamento.



9 · A confiança institucional de quem fala do assunto

A confiança institucional de quem fala de apostas no Brasil é, antes de tudo, uma desconfiança: 74,4% do engajamento total do recorte — todo o histórico disponível — está em publicações que expressam desconfiança nas instituições, contra 14,9% de confiança seletiva e 10,7% de confiança. É um placar esmagador, e ele diz menos sobre o que as pessoas acham das bets do que sobre o que elas acham de quem deveria contê-las. A confiança seletiva, que é a postura de quem distingue as instituições e confia em algumas e não em outras, e a confiança plena somadas não chegam a um quarto da exposição. Ou por outra: o debate sobre apostas, no Brasil, é falado de um lugar de suspeita — e essa suspeita é o que mais circula.

Vale ler o que essa desconfiança tem de específico. O painel mostra que o assunto se desdobra em cinco conversas — a regulação, o dano social, a relação entre aposta e pobreza, o dinheiro das casas no futebol e a propaganda paga —, e a desconfiança institucional é o tom que atravessa todas elas: desconfiança de que a lei pegue, de que a fiscalização funcione, de que o Congresso resista ao lobby, de que o dinheiro do patrocínio não contamine o esporte, de que o anúncio não mire justamente quem tem menos. Quem fala de apostas fala, no fundo, de instituições que não inspiram crédito — e é essa desconfiança que rende engajamento, porque a indignação circula mais do que a confiança. O dado sugere que a disputa entre regular, proibir e manter não se decide apenas no mérito da medida provisória em estudo, mas na credibilidade de quem a propõe e de quem a executaria: um governo que anuncia restrição a um setor sobre o qual pesa a suspeita de captura institucional fala para um público que já desconfia por padrão. A confiança seletiva, com seus 14,9%, é a fatia de quem ainda separa o joio do trigo — e é aí, nesse eleitorado da desconfiança qualificada, que qualquer comunicação sobre o tema teria de trabalhar.



10 · Os valores de Schwartz de quem defende e de quem ataca as apostas

■ Apoio ■ Oposição ■ Neutro informativo

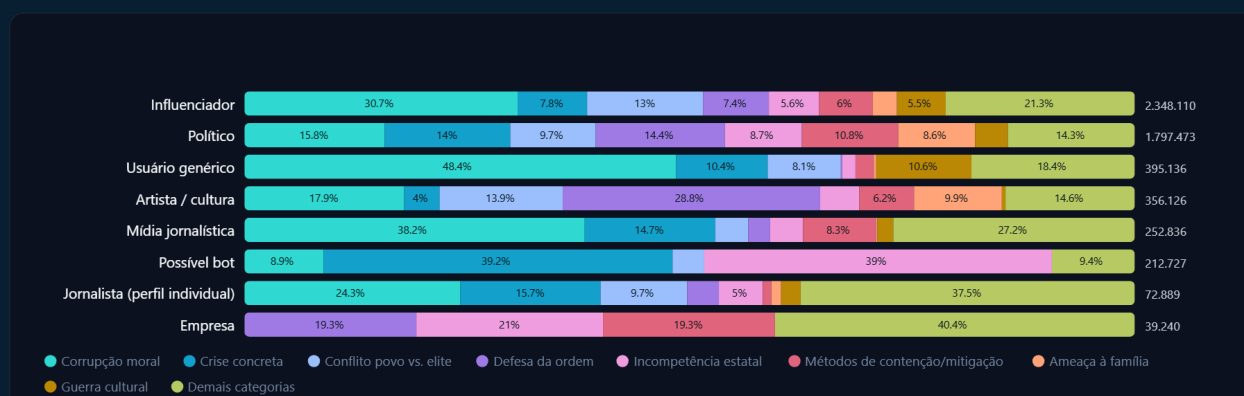
O que move o engajamento no debate sobre apostas não é a defesa do setor, e sim o impulso de proteger quem sofre com ele: a autotranscendência, a orientação de valor que põe o cuidado com o outro e a solidariedade acima do interesse próprio, responde por 39,5% de todo o engajamento do gráfico quando o texto apoia a restrição às bets e por 35,3% quando a ataca, somando quase três quartos da exposição total do recorte. A evidência é escancarada e inverte o senso comum: dentro do próprio campo de oposição à restrição, a autotranscendência ocupa 79,5% do engajamento daquele segmento, contra 19,8% da conservação, a orientação que valoriza tradição, segurança e ordem estabelecida. Ou seja, mesmo quem se opõe à medida provisória que o governo estuda para proibir o cassino online e apertar as bets não fala a língua do mercado nem a da liberdade econômica: fala a língua do dano, da família endividada, do jovem capturado pelo tigrinho, do apostador que perdeu o salário. Vale dizer: a autotranscendência é 52,6% do engajamento de quem apoia a restrição e 47,0% do de quem a combate, e a conservação, que sustenta 60,5% do engajamento do campo de apoio, é ali a segunda força, com 24,3% do segmento — o apoio à restrição se ancora na defesa da ordem e da proteção, não em abertura à mudança, que responde por apenas 2,4% do engajamento de quem apoia e por 0,5% do de quem se opõe. A autopromoção, a orientação do prestígio e do ganho próprio, é residual nos dois lados, com 1,9% do engajamento de apoio e 0,2% do de oposição, e o neutro informativo praticamente não engaja. O que este gráfico revela, portanto, é que a disputa sobre as apostas no Brasil não se trava entre moralidades opostas, mas dentro de uma mesma gramática do cuidado: os dois lados vestem a camisa da vítima, e quem quiser deslocar o debate para o terreno da liberdade individual ou do mérito terá de enfrentar um público que, por ora, só se comove com quem apresenta o dano.

Sem dados nesta fonte.

11 · Que enquadramento carrega que afeto: enquadramentos × emoções

A indignação é o motor afetivo do debate sobre apostas: ela responde por 48% de todas as emoções classificadas no recorte, e a matriz de co-ocorrência mostra que quase todo enquadramento específico desemboca nela — a corrupção moral, que é o enquadramento mais frequente do painel (24%), aparece em 78% das vezes acompanhada de indignação, e o mesmo vale para a ameaça à família, para a crise concreta e para os métodos de contenção. O kit emocional do assunto é, portanto, um só: a aposta é enquadrada como corrupção moral e recebida com indignação, e é essa combinação que carrega a maior exposição do recorte — o post mais engajado do período, do influenciador UpdateCharts, é exatamente isso, indignação contra o que ele lê como recuo do governo diante do setor. O desprezo é o segundo afeto (22%), e ele se acopla sobretudo à corrupção moral e ao conflito povo versus elite, o que revela um debate que não pede reparação, e sim castigo: a fundação moral do cuidado aparece no polo do dano em 78% das publicações, e a santidade no polo da degradação em 93%, o que significa que o vício da aposta é lido como mácula, não como problema de saúde pública a ser tratado.

A exceção é a esperança, que responde por 12% das emoções e se concentra justamente nos enquadramentos de contenção e de defesa da ordem — é o afeto de quem vê no governo a resposta ao problema, e é ele que sustenta o campo do apoio, onde a esperança lidera com 38% contra 31% de indignação. Ou por outra: o mesmo assunto entrega afetos opostos conforme o enquadramento, e a matriz mostra que a esperança não disputa com a indignação, ela ocupa outro terreno — o da medida que se anuncia, não o do dano que se denuncia. Vale dizer que a tristeza e o medo quase não aparecem, apesar de o recorte tratar de dívida, sofrimento psíquico e suicídio: o debate prefere a raiva à compaixão, e essa escolha afetiva é o que explica por que a disputa se trava entre proibir e manter, e não entre acolher e punir.



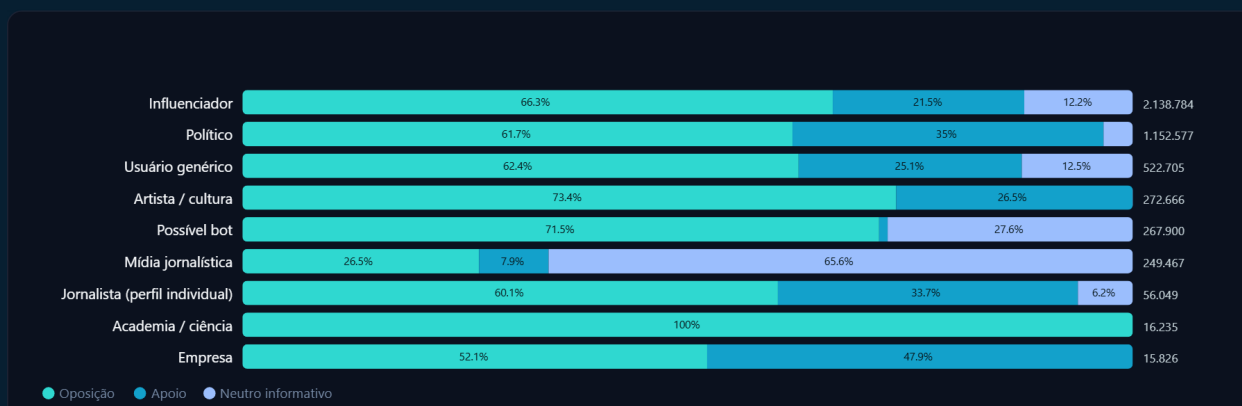
12 · O enquadramento da contenção (regular, proibir, fiscalizar) contra o da crise concreta: quem usa cada um

Corrupção moral Crise concreta Conflito povo vs. elite Defesa da ordem Incompetência estatal Métodos de contenção/mitigação Ameaça à família Guerra cultural Demais categorias

O que separa os dois campos do debate sobre apostas não é a indignação — é o objeto dela: quem fala em corrupção moral aponta o vício como negócio, quem fala em crise concreta aponta o dano como experiência, e o dinheiro da exposição corre muito mais para o primeiro enquadramento. A evidência está na composição de cada barra: entre os influenciadores, o enquadramento de corrupção moral responde por 31,2% do engajamento que eles geram, contra 7,9% do de crise concreta; entre os políticos, a corrupção moral fica em 15,6% e a crise concreta em 14,1%, praticamente empatadas, com a defesa da ordem logo atrás (14,5%) e os métodos de contenção e mitigação em 10,9% — ou seja, o campo político é o único que sustenta, com peso semelhante, a denúncia moral e a resposta prática. Vale dizer: o enquadramento de corrupção moral é o que domina o gráfico inteiro, com 24% do perfil do recorte, e os métodos de contenção e mitigação vêm em seguida, com 20%, o que revela um debate que já saiu da pergunta "as bets fazem mal?" e entrou na de "o que se faz com elas". A assimetria é o achado: a crise concreta — o endividamento,

o sofrimento psíquico, o jovem que aposta — aparece com força quase três vezes menor entre os influenciadores do que a corrupção moral, embora seja o argumento que o próprio presidente usa ao dizer que as apostas viraram dívida, sofrimento e conflito familiar. Quem puxa a leitura moralizante são os influenciadores e os usuários comuns; quem carrega a crise concreta são os políticos, e ainda assim divididos entre ela e a defesa da ordem.

Há um detalhe que o gráfico escancara e que muda a leitura da disputa: a mídia jornalística, que é quem mais publica sobre o assunto, concentra 38,1% do seu engajamento na corrupção moral e apenas 14,7% na crise concreta — a imprensa narra o escândalo, não o dano. Já os artistas e a cultura, que aparecem com 28,9% na defesa da ordem, funcionam como caixa de ressonância do "fechem os quiosques", não da regulação técnica. O que isso sugere é que a restrição às bets, quando defendida, é defendida em registro moral e punitivo — o vício como degradação, a aposta como avesso da poupança, o clube que "depende da desgraça" —, e não em registro de saúde pública ou de política pública. A fundação moral da santidade aparece violada em 93% dos textos do recorte, e o cuidado aparece no polo do dano em 78%: o debate fala a língua da degradação e do dano, mas o engajamento premia a primeira. Não é acidente: a corrupção moral tem vilão identificável, e o gráfico mostra que os influenciadores — que respondem por 13,2% do engajamento total do recorte no cruzamento com corrupção moral, a maior fatia isolada do gráfico — sabem disso melhor do que qualquer outro ator. Enquanto isso, a crise concreta, que exigiria nomear vítimas e cobrar reparação, fica distribuída entre políticos (4,6% do total) e influenciadores (3,4%), sem que ninguém a reivindicue como bandeira própria. O que este gráfico mostra, em suma, é que a disputa sobre as bets está sendo travada no terreno da moralidade punitiva, não no da política pública: quem quer proibir fala de vício e degradação, quem quer regular fala de contenção e fiscalização, e o dano social real — a dívida, o sofrimento, a família quebrada — é o enquadramento menos rentável em exposição para quem o adota. A consequência é que a medida provisória em preparo nasce num ambiente discursivo em que a proibição já venceu a regulação no imaginário, e em que a crise concreta, embora seja o argumento mais forte de quem defende o fim das apostas, chega ao público pela voz de quem tem menos alcance para sustentá-la.



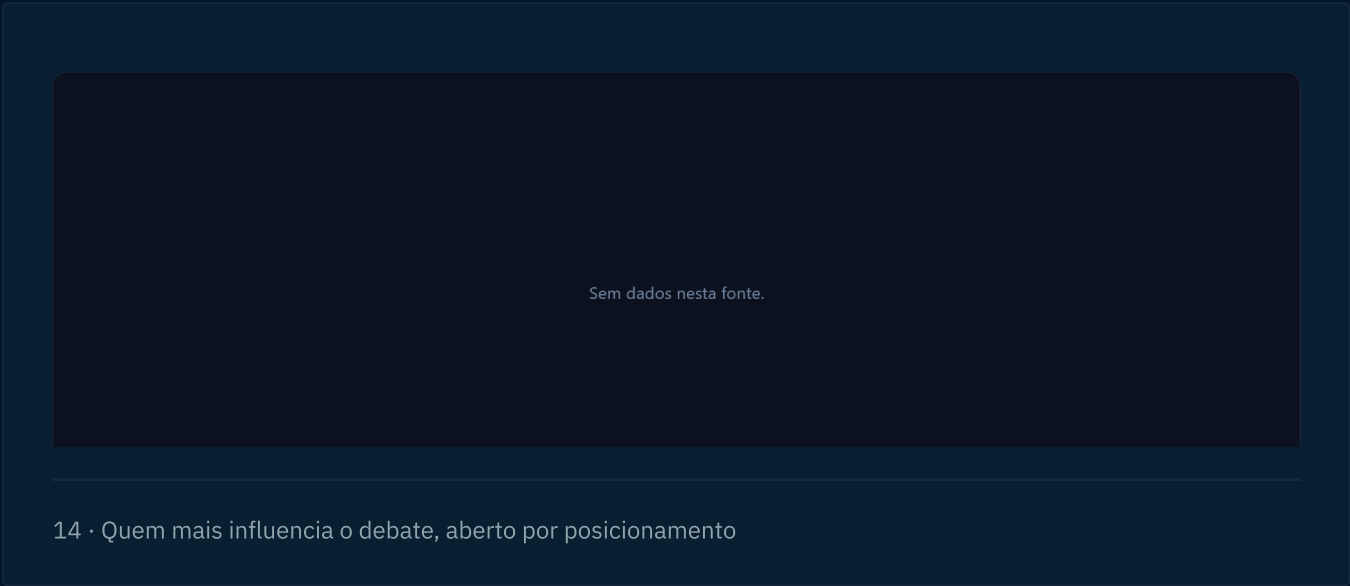
13 · Quem publica sobre apostas e com que posicionamento

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

A oposição às bets é o motor de exposição do debate, e quem a produz não é a imprensa nem o político: é o influenciador. Neste gráfico, que cruza quem publica com o posicionamento diante da restrição às apostas e mede a exposição por engajamento — curtidas, comentários e compartilhamentos somados —, a fatia de influenciadores em oposição responde por 30,1% de todo o engajamento do recorte, quase o dobro da fatia dos políticos em oposição, que fica em 15,1%. A leitura por dentro de cada barra confirma o padrão: entre os influenciadores, 66,1% do engajamento vai para a oposição; entre os políticos, 61,7%; entre os artis-

tas, 73,4%; entre os perfis de possível automação, 71,5%. Ou por outra: a crítica às apostas é o discurso que mobiliza, e mobiliza sobretudo fora do campo político institucional — o que sugere que a onda contrária às bets se alimenta de vozes de alcance próprio, não de tribuna.

Vale dizer o que o outro lado revela. O apoio à restrição, que neste painel significa apoio à medida do governo que propõe limitar as bets e proibir o cassino online, aparece com peso entre influenciadores (9,8% do total, 21,6% da barra) e políticos (8,6% do total, 35,0% da barra) — proporção relevante, mas inferior à da oposição em ambos. E há um dado que merece atenção: entre os políticos, 35,0% do engajamento vai para o apoio, contra 61,7% para a oposição, enquanto entre os influenciadores o apoio fica em 21,6% contra 66,1% da oposição. A assimetria é maior entre os influenciadores, o que sugere que, nesse campo, a crítica às apostas encontra terreno mais fértil do que a defesa da restrição. O neutro informativo, que não é ausência de posição nem apoio encoberto, concentra-se na mídia jornalística (65,6% da barra) e em parte dos influenciadores (12,3%), cumprindo o papel de relato. O quadro que emerge é de uma disputa em que a oposição às bets lidera a exposição, mas com uma base de apoio nada desprezível entre políticos — o que indica que a restrição não é consenso, mas também não é causa perdida.



O que este gráfico revela é que a disputa sobre as bets não tem dono: a oposição à restrição — ou seja, quem sai em defesa do setor e contra o cerco do governo — é quem concentra a exposição, e o faz com um repertório de indignação e desprezo, enquanto o campo que pede o fim das apostas, mesmo tendo a Presidência como porta-voz, fica com a fatia menor do engajamento. Olhe-se o ranking por engajamento: entre os autores que mais movimentam o debate, a oposição domina a lista, e o apoio aparece sobretudo quando é o próprio Presidente Lula que fala — aí, e só aí, o campo pró-restrição alcança o topo. É a assimetria clássica de um assunto em que a indignação rende mais que a esperança: o perfil dos frameworks do recorte mostra 48% de indignação e 68% de valência negativa, e a diferença entre os polos confirma o mecanismo — no campo que defende a restrição, a emoção dominante é a esperança (38%), enquanto no campo que se opõe à medida a indignação responde por 56% e o desprezo por 29%. A oposição, portanto, não argumenta: ela escandaliza, e o escândalo engaja.

Vale dizer o que isso significa em termos de quem fala e de quem é citado. Os nomes que puxam a oposição — Eduardo Moreira, UpdateCharts, marcola, +ao, Bruno Guzzo, Matheus, Tália — falam de bets para atacar o governo, o futebol ou a hipocrisia alheia, e o fazem com a fundação moral da liberdade no polo da opressão (72% no campo oposicionista) e do cuidado no polo do dano (95%): a acusação é sempre de que alguém está sendo oprimido ou prejudicado. Já o apoio, quando aparece, vem de políticos e do próprio Lula, e mobiliza a fundação do cuidado no polo virtuoso (52%) e a liberdade no polo virtuoso (78%) — a restrição é apresentada como proteção. O gráfico, no entanto, mostra que essa narrativa protetora não é a que mais circula: o engajamento premia quem grita contra o cerco, não quem o justifica. E há um dado que

fecha o argumento: o CCFE, o modelo que mede confiança, coragem e força atribuídas a um ator, aparece neutro em 52% dos textos e esperançoso em apenas 19% — ou seja, o debate não constrói um protagonista confiável de nenhum dos lados; ele constrói suspeita. A pergunta que o gráfico deixa no ar é se o campo que defende a restrição conseguirá transformar a indignação alheia em apoio, ou se continuará sendo o dono do assunto sem ser o dono da conversa.

15 · As publicações que mais circularam no assunto

O que mais circula no debate sobre apostas não é denúncia contra o vício nem defesa do setor: é a briga em torno da restrição às bets, e ela chega ao topo pelas mãos de quem se opõe à proibição com deboche e por políticos que a apoiam com indignação. A publicação mais engajada do recorte responde por 11,3% de todo o engajamento do gráfico e vem de um perfil classificado como possível bot, que liga as apostas ao Sistema Único de Saúde ao cobrar o fechamento dos quiosques — o dano social como arma retórica, não como relato. Logo atrás, com 10,5%, outra publicação de possível bot desloca o assunto para a legalização da maconha e do aborto, e a terceira, de um influenciador, com 9,6%, anuncia em tom de urgência que o governo prepara medida provisória para proibir as apostas online e restringir as apostas esportivas, tratando o texto como extinção do setor. Somadas, as três primeiras posições concentram quase um terço do engajamento do gráfico, e o padrão se repete: o que viraliza é o embate sobre proibir, não a informação sobre apostar.

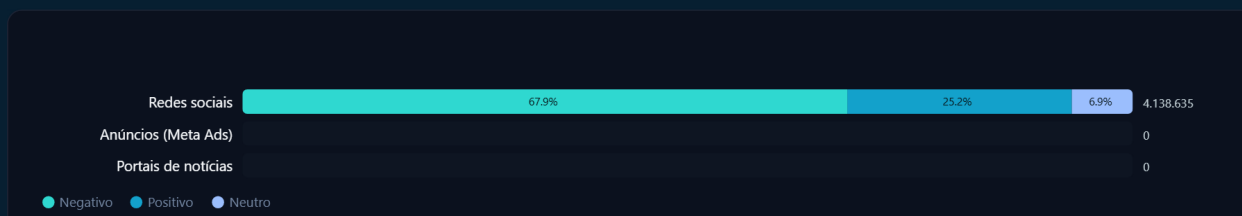
A leitura do conjunto confirma a tese. A oposição à restrição aparece em sete das quinze publicações e domina o topo, com o argumento de que o futebol não precisa das bets — o presidente Lula é citado dizendo que o futebol viveu um século e meio sem elas, e a frase é replicada por influenciadores que a usam para encerrar o debate —, enquanto o apoio à restrição se expressa pela via do dano: o presidente, em publicação própria, fala em dívidas, sofrimento, conflitos familiares e problemas de saúde, e um perfil de apoio resume a esperança numa lista que junta aumento do Bolsa Família, remédio no SUS e fim das bets. O que chama atenção é a assimetria entre quem fala e como é tratado: a indignação e o desprezo são as emoções que atravessam quase todo o topo, e a esperança aparece apenas nas publicações de apoio, sempre ligada à ideia de que a proibição é conquista popular. Há ainda o custo pessoal da disputa: um político que se opõe às bets relata ter recebido ameaças de que as bets acabariam com a sua vida, o que sugere que o setor e seus defensores reagem com pressão sobre quem pauta a restrição. O gráfico, portanto, não mede o mercado de apostas nem o vício da população: mede o que se diz sobre proibir, e o que se diz é que a disputa já saiu do campo da regulação e entrou no da moral — de um lado, o dinheiro do trabalhador que deve ficar na mesa da família; de outro, a liberdade de apostar como brinquedo que ninguém pode tirar.

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
1	o sus teve que implementar tratamento pra vicio em aposta no CAPS e vocês tão achando que é brinquedo a coisa pqp fechem os QUIOSQUES +ao · Possível bot · Twitter/X · 2026-09-18 SAÚDE PÚBLICA, SUS, FILAS E SERVIÇOS ESSENCIAIS · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO · RAIVA	124.618	408.491
2	Pergunta pra galera do "aposta quem quer" se é a favor da legalização da maconha e do aborto pra eu testar o negócio. Lucas Carneiro · Possível bot · Twitter/X · 2026-09-17 TRÁFICO DE DROGAS, FACÇÕES, NARCOTRÁFICO E SISTEMA PRISIONAL · NEUTRO	114.921	667.628

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
3	🔔 URGENTE: Governo Lula prepara MP para PROIBIR jogos de apostas online e RESTRINGIR apostas esportivas, as BETS, em TODO O BRASIL. O governo federal trata o texto quase como uma extinção do setor de jogos... UpdateCharts · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-17 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	104.768	3.378.867
4	"Sem o dinheiro das Bets, como o futebol vai se sustentar??" ué, do jeito certo: https://t.co/RiCBmxukNz marcola · Possível bot · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · DESPREZO	101.819	736.150
5	Ontem foi um dia de receber mensagens ameaçadoras de que as bets vão acabar com a minha vida. Sempre chegam daquele jeito que você não consegue fazer uma denúncia a policia porque vem como "pediram para t... Eduardo Moreira · Político · Instagram · 2026-09-20 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · MEDO · RAIVA	84.301	380.108
6	Presidente Lula: "'Ah, o futebol não pode prescindir das bets', mas o futebol viveu um século e meio sem as bets." acabou com todos os argumentos de quem defende as bets no futebol 🤖 https://t.co/fdgOLHKqbV Matheus · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · DESPREZO	69.921	1.172.297
7	"O São Paulo foi campeão do mundo três vezes sem bets. Santos, duas. Grêmio, Flamengo e Internacional também. E o meu Corinthians foi duas vezes. Lamentavelmente, só o Palmeiras não foi campeão do mundo. Dize... Bruno Guzzo® · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · DESPREZO	69.458	2.759.414
8	RT @matheuscaseca: Presidente Lula: "'Ah, o futebol não pode prescindir das bets', mas o futebol viveu um século e meio sem as bets." acab... TALÍRIA 5077 · Político · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · DESPREZO	61.971	799.891
9	As bets chegaram à vida dos brasileiros como promessa de diversão, mas, para muita gente, viraram dívidas, sofrimento, conflitos familiares e problemas de saúde. Desde que assumimos o governo, decidimos enfrent... Luiz Inácio Lula da Silva · Político · Instagram · 2026-09-02 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA	57.527	0
10	e de repente o povo do tigrinho indo morar fora, virgínia, zé felipe, carlinhos ... hum leticia · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-09-19 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · DESPREZO	56.045	1.238.584

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
11	Aumento do bolsa família Mounjaro no sus Fim das bets É 13 confirma https://t.co/phrOfNFZr9 Nidéwãna 🏆 · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA	56.029	204.002
12	SOU CONTRA AS BETS! Minha posição é clara: sou contra os jogos de apostas e defendo o fim das bets no Brasil. O dinheiro do trabalhador precisa estar na mesa da família, não nas casas de apostas. André do Pra... André do Prado · Político · Instagram · 2026-09-09 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	54.048	3.797.889
13	proíbe as bets e legaliza a maconha. os clubes vendem beck no estádio. nunca mais vai ter briga de torcida organizada. brasil vende a patente para a paz mundial e se torna o país mais rico do mundo. Raul Nunes · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA	47.692	228.964
14	É muito grave a nota dos clubes contra o fim das Bets. Eles estão dizendo que DEPENDEM da desgraça, vício e de milhões de pessoas perdendo dinheiro. Se as Bets acabassem porque as pessoas reduziram... Análise Política · Político · Twitter/X · 2026-09-17 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO · DESPREZO	47.034	500.965
15	Imagina a Anitta processando ele por intolerância religiosa, ganhar e pegar todo o dinheiro que ele ganhou divulgando BETS e doar para projetos sociais de saúde mental?????? Travesti que Habla 🇧🇷 · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-11 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, RACISMO RELIGIOSO E CONFLITOS ENTRE CRENÇAS · POSITIVO · ESPERANÇA	44.995	641.599



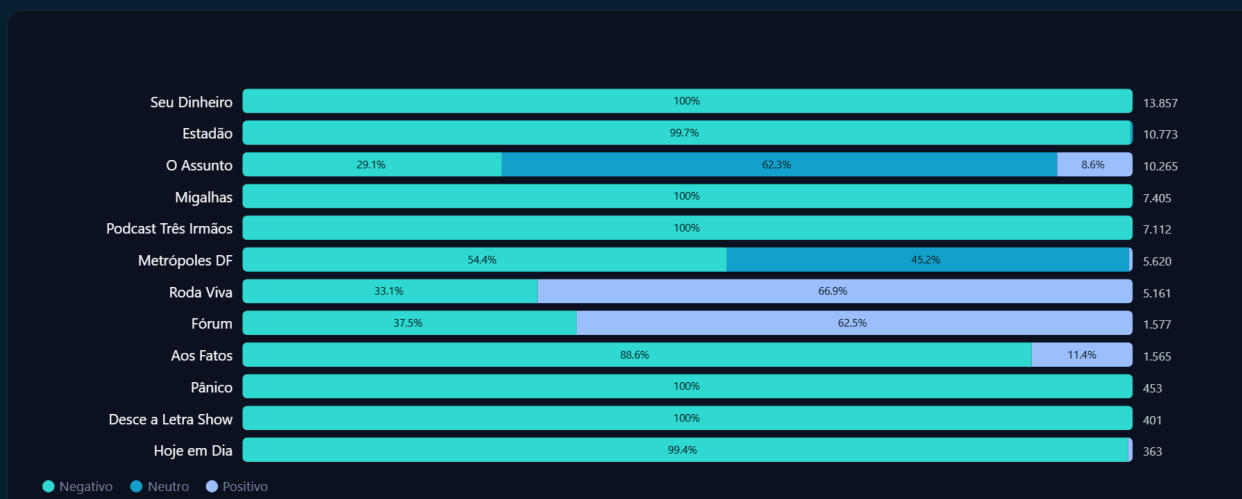
16 · Onde o assunto acontece: redes, portais e anúncios, e o tom de cada um

■ Negativo
 ■ Positivo
 ■ Neutro

O gráfico mede uma coisa só, e mede bem: onde o engajamento do debate sobre apostas se concentra e com que tom ele se pinta. A resposta é escancarada — 67,8% de todo o engajamento do recorte está em publicações de valência negativa, contra 25,3% de valência positiva e 6,9% de neutra. Ou por outra: de cada quatro interações que o assunto mobiliza, quase três saem de um texto que trata as bets como pro-

blema, dano ou ameaça. E há um detalhe que o gráfico entrega sem que se precise forçar a mão: as barras de portais de notícias e de anúncios da Meta aparecem zeradas em todas as valências, o que não significa que a imprensa e a publicidade paguem para não falar do assunto — significa que o engajamento, essa medida de curtida, comentário e compartilhamento, só existe onde há botão para apertar, e é ali que a disputa se decide. O que este gráfico mostra, portanto, é que a briga das bets não é uma briga de argumentos equilibrados: é uma briga de humor público, e o humor público está majoritariamente contra.

Vale dizer o que isso sugere sobre a disputa. O tom negativo domina o engajamento, mas o positivo não é residual: um quarto das interações nasce de texto que enxerga nas apostas diversão, oportunidade ou liberdade — e é justamente aí que mora a tensão do painel, entre quem pede restrição e quem defende o setor. A valência neutra, com 6,9%, é a menor fatia, o que indica que o assunto quase não circula como informação fria: ele circula como juízo. E como o gráfico é agregado, de todo o histórico, ele descreve o retrato estrutural do debate, não a semana corrente — o que ele fixa é a inclinação de fundo, não o pico de um dia. A leitura que se extrai é simples e dura: quem quiser disputar esse assunto a favor das bets não está enfrentando um debate, está enfrentando um clima.

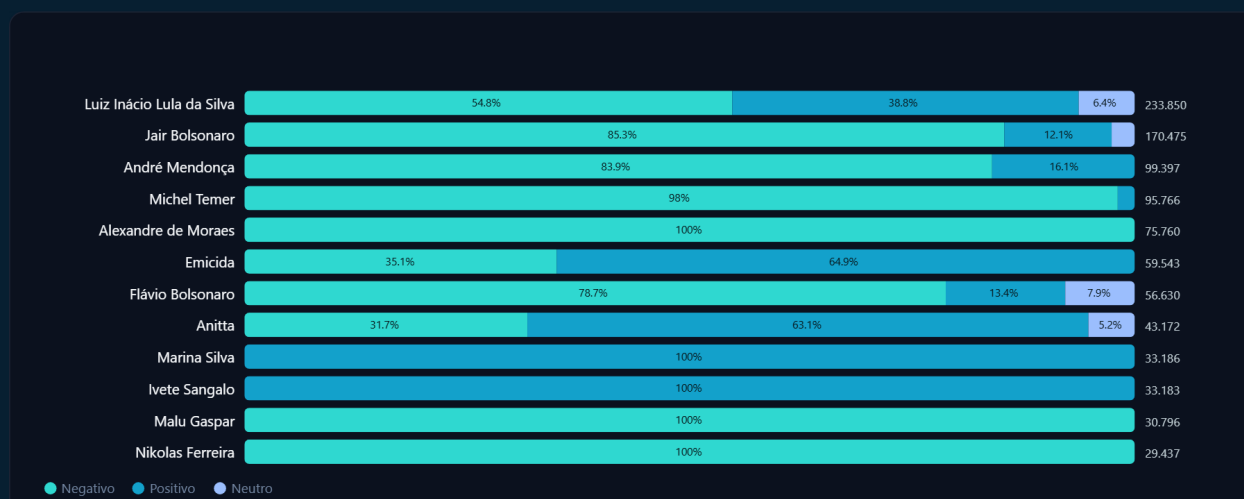


17 · Os veículos de imprensa citados no debate sobre apostas, e o tom de cada citação

■ Negativo ■ Neutro ■ Positivo

A imprensa citada no debate das apostas é, ela mesma, um campo de batalha moral: os veículos que o público evoca para falar de bets aparecem quase sempre sob tom negativo, e o que se disputa não é a credibilidade de cada um, mas o direito de dizer quem está do lado certo da história. Neste gráfico, que cruza os veículos de imprensa citados com o tom de cada citação ao longo de todo o histórico, o Seu Dinheiro concentra 21,2% do total e é integralmente negativo na composição interna da sua barra; o Estadão responde por 16,4% e é negativo em 99,7% das citações que o mencionam; Migalhas fica com 11,3%, também 100% negativo; o Podcast Três Irmãos, com 10,8%, igualmente 100% negativo. Ou por outra: quatro dos cinco veículos mais citados são evocações de denúncia, não de referência. A exceção é O Assunto, que aparece com 9,7% do total e 70,5% de tom neutro dentro do segmento em que é citado, o que sugere que o podcast da Globo funciona no debate como fonte de informação, não como alvo de indignação — e o Roda Viva, com 5,3% do total e 60,5% de tom positivo, é o único caso em que a citação de um veículo se associa majoritariamente a valência favorável, provavelmente porque o programa serve de palco para quem defende a restrição às bets, e não de objeto de ataque.

O que este gráfico mostra, portanto, é que a imprensa não é citada no debate das apostas como árbitro, mas como parte interessada. A valência negativa domina a citação dos veículos econômicos e jurídicos — Seu Dinheiro, Estadão, Migalhas, InfoMoney —, o que é coerente com o enquadramento de corrupção moral que responde por 24% das publicações do recorte e com a fundação moral do cuidado no polo do dano, presente em 78% dos textos: quem cita esses veículos o faz para reforçar a denúncia do prejuízo financeiro e familiar das bets, não para discutir a linha editorial. Já a desconfiança institucional, que marca 67% do recorte, encontra aqui um alvo lateral: a imprensa é citada como quem noticiou o escândalo, mas também como quem pode estar sendo paga para não noticiá-lo — a disputa informacional de contestação da mídia responde por 33% do recorte, e o tom negativo com que os veículos são evocados sugere que parte do público trata a própria imprensa como suspeita. O gráfico não mede se a cobertura foi boa ou ruim; mede que, quando o debate das apostas evoca um veículo, evoca-o para acusar, e a única exceção relevante — O Assunto, em tom neutro — confirma a regra: a imprensa só escapa da valência negativa quando é citada como fonte, não como personagem. Vale dizer: o gráfico mede exposição, não prevalência — o engajamento que sustenta essas fatias vem de poucos posts virais, e por isso a hierarquia aqui é de alcance, não de quantos perfis distintos adotam cada veículo como referência. O que fica é isto: no debate das apostas, citar a imprensa é quase sempre um gesto de acusação, e os veículos que o público evoca para falar de bets entram no jogo como réus ou como testemunhas — nunca como juízes.

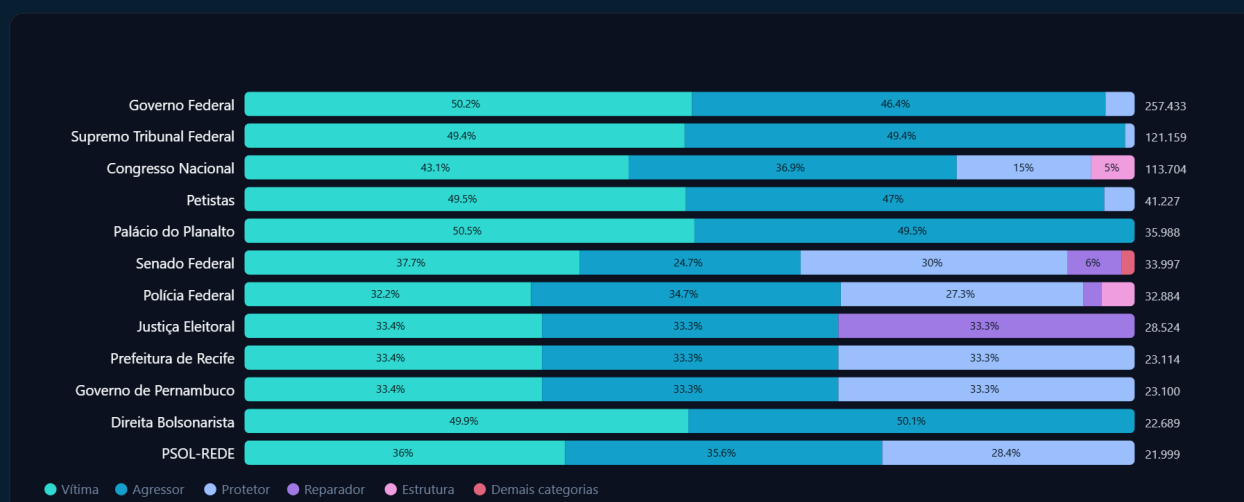


18 · Quem é citado no debate sobre apostas, e com que tom

● Negativo ● Positivo ● Neutro

O debate sobre apostas não tem um vilão difuso: tem nomes, e quase todos carregam a marca do negativo. Este gráfico cruza quem é citado com o tom do texto que o cita, medido por engajamento, e o retrato é de um julgamento moral personalizado. Jair Bolsonaro lidera a exposição: responde por 11,8% de todo o engajamento do gráfico, e 85% do que se diz dele é negativo. Luiz Inácio Lula da Silva vem logo atrás, com 10,0% do total no negativo e 7,1% no positivo — é o único nome de peso que sustenta os dois lados, e a proporção dentro da própria barra revela o equilíbrio: 54,7% negativo contra 38,9% positivo. Michel Temer, com 7,3% do total, é praticamente unânime no desprezo: 98% do que se diz dele é negativo. André Mendonça (6,5%, 83,9% negativo) e Alexandre de Moraes (5,9%, 100% negativo) completam o pelotão dos mais citados, e o padrão é claro — o Supremo Tribunal Federal entra no debate das bets pela porta da crise institucional, não pela regulação do jogo. A valência aqui é tratamento dado pelo autor a quem é citado, nunca opinião da própria pessoa, e o que se vê é um debate que transformou a discussão sobre apostas em tribunal de reputações.

O que este gráfico especificamente mostra é que a disputa sobre as bets se travou menos sobre o mérito da proibição e mais sobre a moralidade de quem aparece associado a ela. Os nomes com valência positiva quase unânime são poucos e vêm de outro campo: Ivete Sangalo e Marina Silva, cada uma com 2,6% do total e 100% de positivo; Emicida, com 3,0% do total e 64,9% de positivo; Anitta, com 2,1% e 63,1% de positivo. São artistas e uma ministra do meio ambiente — gente que não está no centro da regulação, mas que o debate usa como contraponto moral. Do outro lado, a lista de 100% negativo é reveladora: Alexandre de Moraes, Edson Fachin, José Antônio Dias Toffoli, Gilmar Mendes, Cristiano Zanin, Flávio Roscoe Nogueira, Malu Gaspar, Nikolas Ferreira, Dilma Rousseff. O gráfico sugere que a associação com as bets funciona como estigma: quem é citado nesse contexto, seja ministro do Supremo ou influenciador, recebe o tom negativo de quem fala. E o dado mais eloquente é a assimetria entre os dois Bolsonaro: Jair tem 12,3% de positivo contra 85% de negativo, enquanto Flávio tem 14,0% de positivo contra 77,7% de negativo — o pai concentra mais exposição e mais rejeição, o filho aparece mais como coadjuvante na mesma cena de desgaste. O que o gráfico não mostra, e é preciso dizê-lo, é quem fala: a valência mede o clima em torno de cada nome, não a voz de cada um. Mas o cruzamento com o restante do painel ilumina: 68% das publicações do recorte são negativas, e a indignação responde por 48% das emoções — o que significa que o tom negativo que recai sobre os citados não é idiosincrasia de um gráfico, é a atmosfera inteira do debate. A leitura que se impõe é esta: num assunto em que a opinião pública majoritariamente pede restrição às bets, a exposição negativa funciona como custo reputacional para quem é associado ao setor ou à confusão institucional que o cerca. Lula escapa parcialmente porque é o autor da ofensiva — 38,9% de positivo dentro da própria barra é o retrato de um presidente que fala e é ouvido nos dois campos. Bolsonaro, Temer, Mendonça e Moraes não têm essa blindagem: são citados como parte do problema, não da solução. O gráfico, em suma, mede desgaste, e o desgaste tem endereço.

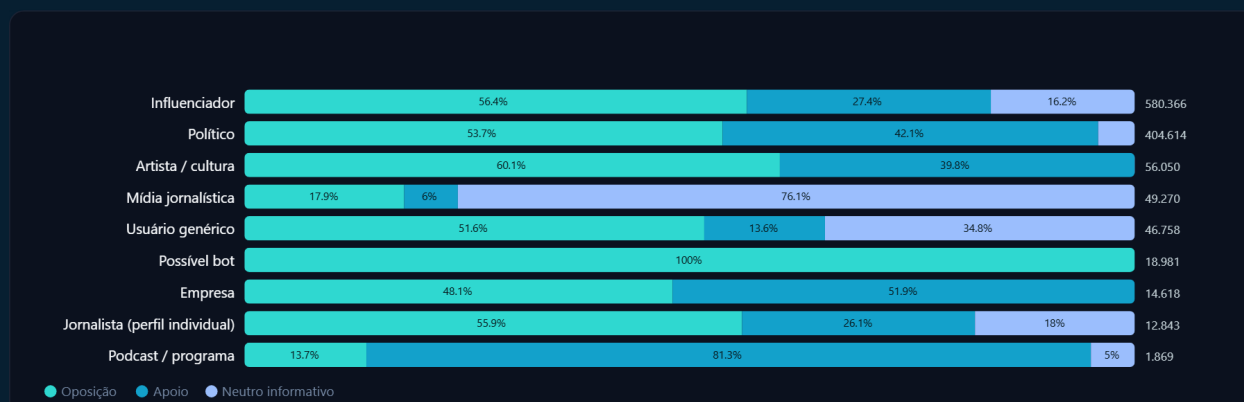


19 · As instituições no debate: que papel cada uma recebe (vítima, agressor, protetora)

■ Vítima
 ■ Agressor
 ■ Protetor
 ■ Reparador
 ■ Estrutura
 ■ Demais categorias

O gráfico mostra que, no debate sobre apostas, as instituições são enquadradas sobretudo como vítimas e agressoras, e quase nunca como protetoras ou reparadoras — o que revela um roteiro moral em que ninguém é convocado a consertar o dano. O MAPAM, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, identifica o lugar que o autor atribui a quem cita numa situação de dano: quem sofre (vítima), quem causa (agressor), quem deveria proteger (protetor), quem deve reparar (reparador), quem é afetado coletivamente (comunidade) e que estrutura reproduz o dano (estrutura). No conjunto do gráfico, o Governo Federal concentra a maior fatia: aparece como vítima em 16,0% do total e como agressor em 15,1%, e dentro da própria barra esses dois papéis respondem por 50,2% e 46,4% — ou seja, o governo é o ator mais citado e o mais disputado, tratado quase na mesma medida como quem sofre e como quem causa. O Supremo

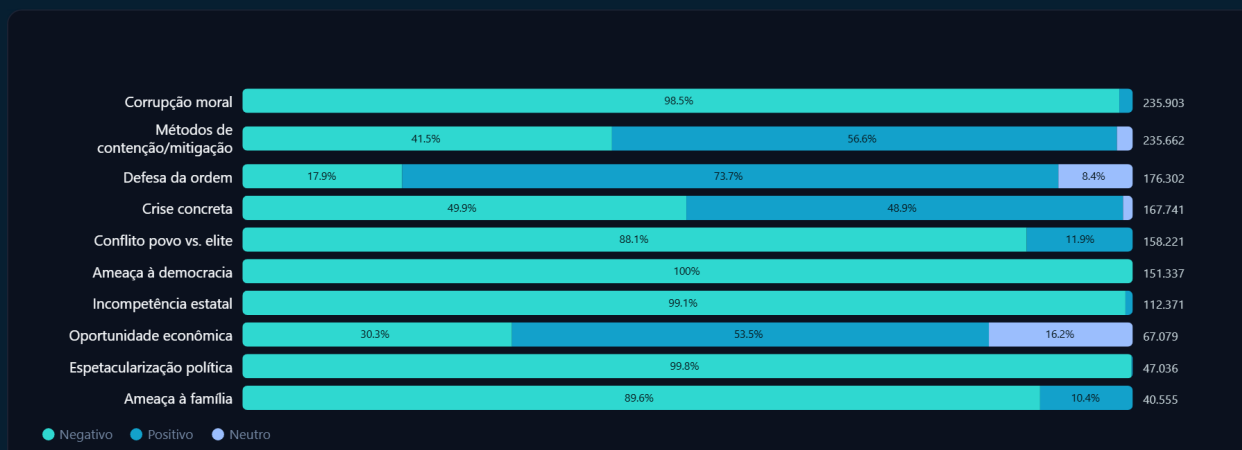
Tribunal Federal repete o padrão de forma simétrica: 7,6% do total como vítima e 7,6% como agressor, com 49,4% da barra em cada papel. O Congresso Nacional é o terceiro mais mobilizado, com 6,2% como vítima e 5,3% como agressor, mas é também a instituição que mais aparece como protetora (2,2% do total, 15,0% da barra). A Polícia Federal e a Justiça Eleitoral completam o quadro: a PF é majoritariamente agressora (1,4% do total, 34,7% da barra) e a Justiça Eleitoral, quando aparece, é sobretudo reparadora (1,2% do total, 33,3% da barra, 72,5% dentro do segmento). O que este gráfico diz, portanto, é que a disputa sobre as bets não é uma disputa sobre quem protege o apostador: é uma disputa sobre quem é o culpado e quem é a vítima, com o governo e o STF ocupando os dois lugares ao mesmo tempo, e com o papel de protetor praticamente vazio — o que sugere que o debate público sobre apostas, neste recorte, está mais voltado a atribuir responsabilidade do que a construir saída.



20 · A conversa de REGULAÇÃO (lei, MP, CPI, proibição, taxaço): quem a ocupa e com que posicionamento

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

A conversa sobre regulação das apostas é uma conversa de oposição — e quem mais a ocupa, em exposição, não é o político que a propõe, mas o influenciador que a combate. É o que este gráfico mostra ao cruzar quem publica com o posicionamento diante da restrição às bets, medido por engajamento, a soma de curtidas, comentários e compartilhamentos, ou seja, exposição. O bloco Influenciador em Oposição responde por 27,7% de toda a exposição do recorte, e dentro da própria barra de influenciadores a oposição é maioria: 56,0% da exposição desse tipo de autor. O Político em Oposição vem em seguida, com 18,4% do total e 53,7% dentro da sua barra — de modo que, entre os dois tipos de ator que dominam a conversa, a posição contrária à restrição é majoritária em ambos. Só então aparece o Político em Apoio, com 14,4% do total e 42,1% dentro da barra, seguido do Influenciador em Apoio, com 13,5% do total e 27,7% dentro da barra. Vale dizer: o apoio à restrição existe e é robusto, mas chega sobretudo pela voz de políticos, enquanto a oposição se espalha por influenciadores e artistas — o Artista cultura em Oposição responde por 2,8% do total e 60,1% dentro da sua barra, contra 1,9% do total e 39,8% na barra do Artista cultura em Apoio. A mídia jornalística, que aqui é o veículo de imprensa que assina a matéria, é quase toda relato: 76,1% da exposição da sua barra é neutra informativa, com apenas 17,9% em oposição e 6,0% em apoio — o que é próprio do gênero, não uma tomada de lado. O neutro informativo, aliás, é o que menos exposição concentra entre os grandes: 7,9% do total no Influenciador e 1,4% no Político, o que sugere que, nesta disputa, quem se posiciona expõe mais do que quem apenas relata. A leitura que se impõe é a de uma coalizão de contenção mais barulhenta do que a coalizão de restrição: a proposta do governo de medida provisória para proibir o cassino online e apertar as bets encontra, na conversa sobre lei, medida provisória, CPI, taxaço e fiscalização, uma resistência que fala mais alto em exposição — e fala pelas vozes de maior alcance digital, os influenciadores, enquanto o apoio se concentra na fala institucional dos políticos.



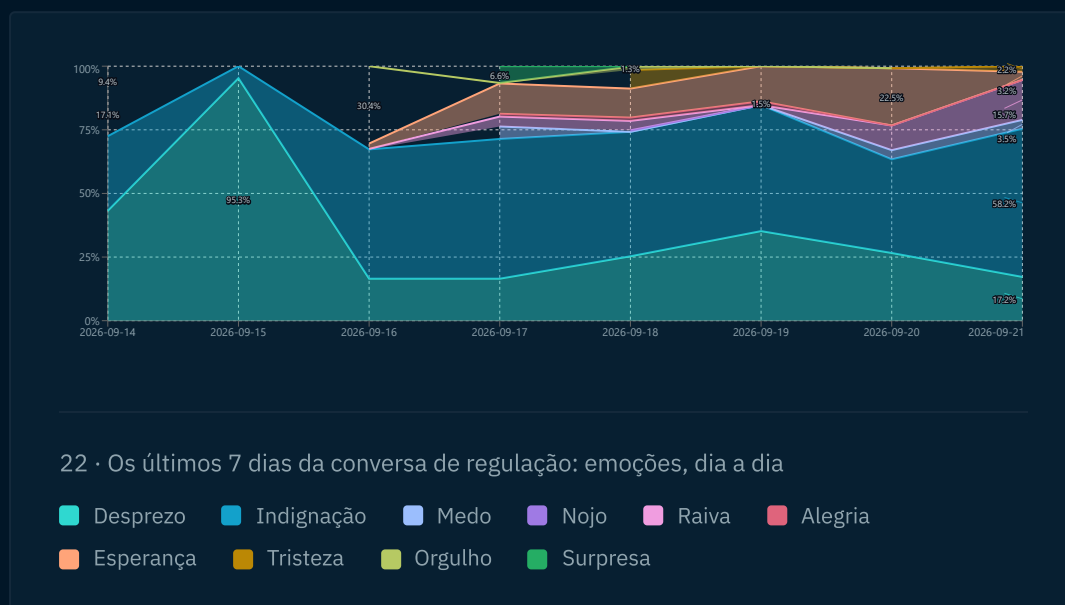
21 · A conversa de REGULAÇÃO: os enquadramentos que disputam o que fazer

■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

A disputa sobre o que fazer com as bets não é uma briga entre quem quer regular e quem quer liberar: é uma briga entre duas gramáticas de condenação, e a que fala em corrupção moral ocupa quase um sexto de toda a conversa sobre regulação. Este gráfico cruza os enquadramentos específicos — os temas de conteúdo que o debate brasileiro usa para organizar o assunto, como corrupção, ameaça à democracia ou defesa da ordem — com o sentimento do texto, medindo a exposição que cada combinação acumulou em todo o histórico. O que ele mostra é uma assimetria escancarada: os quatro enquadramentos mais mobilizadores são, em ordem, corrupção moral (15,4% do total do gráfico, praticamente toda em tom negativo), ameaça à democracia (10,1%, integralmente negativa), conflito povo versus elite (8,9%, 87,7% negativo) e métodos de contenção e mitigação (8,9%, mas este majoritariamente positivo). Ou por outra: a conversa sobre regular as apostas chega às redes vestida de escândalo e de denúncia institucional antes de chegar vestida de solução — e quando chega de solução, chega dividida, porque métodos de contenção e mitigação aparece 56,6% em tom positivo e 41,5% em tom negativo, ou seja, a própria proposta de conter as bets é objeto de disputa, não consenso. Vale dizer que defesa da ordem, o quinto enquadramento mais exposto, também se parte: 73,7% positivo contra 17,9% negativo, o que sugere que a bandeira da ordem é disputada por dois lados que se acusam mutuamente de desordem.

O que isso significa para a disputa é que o terreno da regulação está ocupado pela acusação, não pela política pública. Corrupção moral e ameaça à democracia somam juntas cerca de um quarto de toda a exposição do gráfico e são quase integralmente negativas — não há praticamente nenhum texto que trate corrupção moral em tom positivo, e nenhum que trate ameaça à democracia fora do negativo. Incompetência estatal, com 7,4% do total e 99,1% negativo, reforça o padrão: o Estado aparece na conversa menos como quem regula e mais como quem falhou. Do outro lado, crise concreta é o enquadramento mais equilibrado do gráfico, com 49,9% negativo e 48,9% positivo, e oportunidade econômica aparece 53,5% positivo contra 30,3% negativo — são os dois terrenos onde a disputa ainda está aberta, onde regular as bets pode ser vendido tanto como remédio quanto como ameaça ao emprego e à arrecadação. A leitura política é direta: quem quiser sustentar a restrição às apostas precisa migrar a conversa do registro da corrupção e da ameaça à democracia, onde a exposição já está saturada de negativo, para o registro da crise concreta e da oportunidade econômica, onde o tom positivo ainda tem espaço para respirar. Não é detalhe menor: o enquadramento de métodos de contenção e mitigação, que é literalmente o lugar discursivo da medida provisória em estudo, responde por 8,9% do total e carrega a maior fatia de tom positivo entre os grandes — 29,6% de tudo o que é positivo no gráfico vem dele, contra 9,6% de tudo o que é negativo. Ou seja, a proposta de restringir as bets é o único enquadramento de peso que consegue produzir mais exposição favorável do que contrária, e isso é a brecha por onde a narrativa oficial pode entrar. O problema é que essa brecha é estreita: defesa da ordem, que deveria ser o abrigo natural de quem propõe a medida, aparece

com 28,7% de todo o positivo do gráfico, mas também com 3,1% do negativo, e a leitura de que a ordem está sendo defendida convive com a acusação de que é a própria ordem que se subverte ao tolerar o cassino online. Quem paga o preço dessa confusão são os enquadramentos de dano social: ameaça à família, com 2,4% do total e 89,6% negativo, e desigualdade estrutural, com 0,7% e 55,3% negativo, aparecem com exposição marginal diante do volume que corrupção e ameaça à democracia concentram. Vale dizer: o sofrimento concreto — a família endividada, o jovem viciado, o benefício social que vira aposta — não é o que move a conversa sobre regulação; o que a move é a acusação de podridão institucional. E aí está o achado que interessa a quem quer entender a disputa: a regulação das bets está sendo debatida como escândalo de corrupção e ameaça à democracia, não como política de saúde pública ou de proteção social, e quem quiser aprovar a restrição terá de disputar o enquadramento antes de disputar o mérito.



A semana da conversa sobre regulação das apostas é uma curva de desprezo que vira indignação e, no fim, quase se apaga: o que começa como escárnio contra o setor termina em um fio de voz, e a esperança, quando aparece, é sempre minoritária. Nos últimos sete dias, o desprezo abre a série dominando o dia 14 com 43,4% do engajamento classificado e explode no dia 15 com 95,3% — uma jornada em que a conversa sobre lei, medida provisória, taxaço e bloqueio de sites foi quase toda zombaria e rebaixamento do adversário, não argumento. A partir do dia 16 a indignação assume o comando e não larga mais: 50,8% naquele dia, 55,0% no dia 17, 48,8% no dia 18, 49,4% no dia 19 e 60,3% no dia 21, sempre à frente de todas as outras emoções. É a assinatura de um debate que se organiza pela revolta contra o objeto — as bets, o cassino online, o tigrinho — e não pela defesa de uma saída.

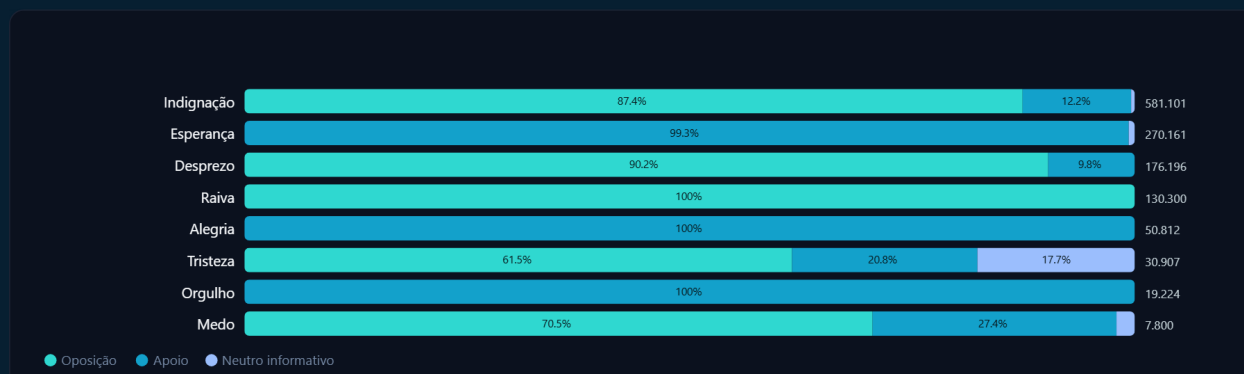
O que esse movimento revela é uma disputa que perdeu a capacidade de projetar futuro. A tristeza irrompe no dia 16 com 30,4% e some nos dias seguintes, como um soluço de compaixão que não se sustenta; a esperança, que mede a crença de que a restrição pode dar certo, aparece com 11,9% no dia 17, 11,4% no dia 18, 13,8% no dia 19 e salta para 31,6% no dia 20 — mas nesse mesmo dia 20 a indignação ainda responde por 38,1% e o desprezo por 23,9%, e no dia 21, quando a série mingua, a esperança cai a 3,4% enquanto a indignação sobe a 60,3% e a raiva reaparece com 16,2%. Ou por outra: mesmo no melhor momento da semana, a aposta emocional do debate não é a confiança na medida do governo, é a raiva de quem lucra com o vício. O medo, que aparecia com 17,1% no dia 14, praticamente evapora depois — 4,9% no dia 17, zero no dia 18 e no dia 19, 5,1% no dia 20 —, sinal de que o risco do endividamento e da ludopatia, embora presente, não é o combustível que move a conversa. Quem fala de regulação fala para humilhar o adversário, não para proteger a vítima. E a pergunta que fica é a que o gráfico não responde sozinho: se a indignação é tão constante e a esperança tão frágil, quem está conseguindo transformar esse repertório em apoio à restrição — e quem, no silêncio do fim da série, deixou a onda passar sem ninguém montar nela.



23 · Onde o assunto encosta: os temas em que as apostas aparecem, e o tom de cada um

■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

O dinheiro das bets não se discute no terreno da economia: 43,5% de todo o engajamento do recorte está em publicações negativas sobre apostas online, cassinos e ludopatia, contra 18,4% em publicações positivas sobre o mesmo assunto — e é essa desproporção, mais que o volume, que revela onde a disputa se decide. O gráfico cruza os subtemas em que o assunto encosta com o tom de cada um, medido por engajamento, e o que ele mostra é uma geografia moral: o tema das bets concentra 66,2% do engajamento da sua própria barra no polo negativo, enquanto a política nacional e os escândalos públicos aparecem com 93,8% de tom negativo, os escândalos do ciclo 2026 com 84,7%, a saúde pública com 99,5% e o custo de vida com 100% — ou seja, quando as apostas encostam em escândalo, saúde ou bolso, o tom é praticamente unânime. O contraste decisivo está no futebol e no trabalho: o subtema de trabalho com carteira assinada, jornada e sindicatos tem 57,7% de tom positivo, e é o único vizinho do debate das bets que respira otimismo — sinal de que a defesa do setor não se faz pela economia do apostador, mas pela economia do emprego e do espetáculo. Vale dizer: o gráfico não mede quem fala, mede onde o assunto toca; e o que ele sugere é que a restrição às apostas, quando enquadrada como saúde, família e escândalo, encontra um ambiente discursivo já saturado de negatividade, enquanto a resistência a ela precisa se deslocar para o terreno do trabalho e do futebol para ter alguma chance de soar positiva.



24 · O DANO (vício, dívida, família, jovens): as emoções de quem fala dele

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

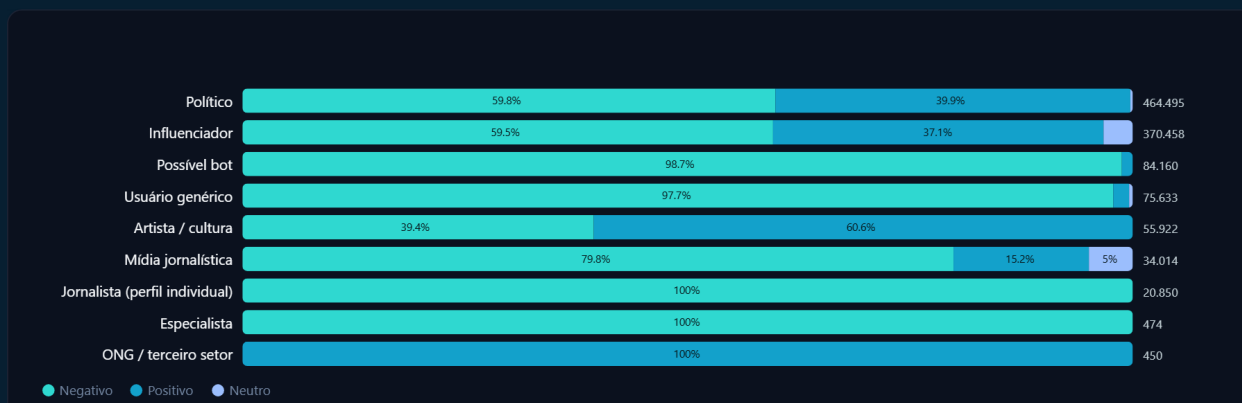
O dano das apostas é assunto de indignação — e a indignação, aqui, é quase toda de quem se opõe ao que o governo propõe contra as bets, não de quem o defende. É o que este gráfico mostra: cruzando as emoções expressas com o posicionamento de cada publicação, e medindo a exposição por engajamento, a indignação responde por 39,8% de toda a interação do recorte e por 87% da composição da barra em que aparece — e 62,7% dessa indignação está no campo da oposição. O desprezo (11,2% do total, 88,8% dentro da própria barra) e a raiva (10,3%, integralmente na oposição) confirmam o padrão: o vocabulário afetivo de quem reage ao tema é o do ultraje, e ele se concentra de um lado. Do outro, a esperança responde por 22% do total e por 99,3% da barra em que aparece, com 61,8% dela no campo do apoio — é a única emoção de peso que sustenta o lado favorável à restrição, e ela vem acompanhada de alegria (4,1%) e orgulho (1,6%), ambas inteiramente no apoio. A tristeza, que seria a emoção natural de quem fala de endividamento e sofrimento das famílias, é residual: 1,6% do total, e ainda assim majoritariamente na oposição. O relato neutro praticamente não existe neste gráfico — a tristeza informativa responde por 0,4% do total, e a indignação neutra por 0,2% —, o que diz algo importante: o dano das bets não é pauta de registro, é pauta de trincheira. Quem fala do vício, da dívida e dos jovens o faz para acusar ou para defender, não para informar.

A leitura política é direta: a oposição capturou a gramática emocional do dano. Indignação, desprezo e raiva somam, juntas, a maior fatia da exposição deste recorte, e todas elas estão do lado de quem se opõe à ofensiva do governo contra as apostas — o que sugere que o campo que resiste à restrição fala do dano para desqualificar a iniciativa, não para reconhecê-lo. O apoio, por sua vez, aposta na esperança e na alegria, mas com menos força de circulação: 22% contra quase 40% da indignação. Se o dano social é o terreno em que a disputa sobre as bets se decide, quem defende a restrição está perdendo a disputa afetiva — fala de proteção, mas não fala a língua da revolta que o assunto mobiliza.



25 · O DANO: os enquadramentos com que o sofrimento é narrado

O dano das bets é narrado, sobretudo, como crise concreta e corrupção moral: juntos, esses dois enquadramentos respondem por 42,2% de todo o engajamento que o tema mobiliza, e a leitura que se impõe é a de um sofrimento que se conta pelo caso — a dívida, o vício, a família que quebra — e pela acusação de que alguém lucrou com ele, não por uma gramática de direitos ou de saúde pública. Enquadramento, aqui, é o modo como o texto organiza o assunto, e o que os números dizem é que a disputa sobre as bets se trava no terreno da experiência concreta e da culpa, não no da política pública: crise concreta, que narra o dano em situação determinada, lidera com 25,2% do engajamento do gráfico; corrupção moral, que imputa má-fé a quem se beneficia, vem em seguida com 17,0%; e só então aparecem métodos de contenção e mitigação, com 10,1%, ameaça à família, com 9,9%, e defesa da ordem, com 9,8% — ou seja, a saída institucional e a proteção da família, que seriam o vocabulário natural de uma ofensiva regulatória, somam menos que a soma das duas primeiras. Incompetência estatal (7,9%) e conflito povo contra elite (7,9%) empatam logo abaixo, e a desigualdade estrutural, que daria ao problema a espessura de uma questão de classe, responde por apenas 4,2% — a miséria do apostador aparece como tragédia pessoal, não como resultado de um modelo que lucra com ela. O que fecha o quadro é a cauda: guerra cultural, prova material de entrega, espetacularização política e oportunidade econômica ficam todos abaixo de 2%, e violência de gênero, violência doméstica, direitos e liberdades, ameaça à democracia e misoginia não chegam, cada um, a meio por cento do engajamento. É um retrato em que o dano é sentido e denunciado, mas raramente enquadrado como direito violado ou como estrutura a corrigir — e é justamente aí que a ofensiva contra as bets, se quiser converter indignação em norma, terá de disputar o enquadramento que hoje ela não ocupa.



26 · O DANO: quem levanta o assunto (tipo de ator) e com que tom

■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

O dano das apostas não é denúncia de vítima: é palanque. Este gráfico cruza quem publica sobre o vício, a dívida e o sofrimento das famílias com o tom do texto, medido por engajamento — a exposição que cada tipo de autor consegue —, e o que ele revela é que a conversa sobre o dano social das bets virou território de político e influenciador, não de quem sofre. Políticos concentram 25,4% de todo o engajamento do gráfico no tom negativo e outros 17,0% no positivo; influenciadores vêm logo atrás, com 18,7% no negativo e 12,7% no positivo. Somados, os dois grupos respondem por quase três quartos da exposição total, e o fazem em chave de disputa: dentro do que os políticos publicam, 59,4% é negativo e 40,3% é positivo — ou seja, o mesmo ator que levanta o dano também o converte em defesa, e a valência, que é o sentimento geral do texto, funciona aqui menos como diagnóstico e mais como arma de campanha. A imprensa, que deveria ser a voz do relato, aparece com 2,5% no negativo e 0,5% no positivo, e o jornalista individual, quando fala, é negativo em 100% do que publica — mas com fatia irrisória da exposição. Quem realmente sofre com a bet quase não tem lugar de fala: usuário genérico e perfil com sinais de automação somam, juntos, 14,5% do engajamento, e o fazem quase inteiramente no negativo (97,7% e 98,7% de suas respectivas publicações), o que sugere que a indignação popular existe, mas é amplificada por contas de baixa autoria — e é justamente aí que o dano deixa de ser testemunho e vira combustível.

Vale dizer o que isso significa para a disputa: o gráfico mostra que o dano social das apostas é pauta capturada. Não é o dependente químico, nem a mãe endividada, nem o jovem que perdeu o salário quem define o tom — são políticos e influenciadores que usam a dor alheia como prova moral, e o fazem nos dois sentidos, atacando o governo por omissão ou defendendo a restrição como cuidado. A moral que o painel inteiro aciona confirma: a fundação moral do cuidado aparece no polo do dano em 82% dos textos, e a da santidade no polo da degradação em 94% — o vício é lido como corrupção do corpo e da família, não como problema de saúde pública ou de regulação. O enquadramento dominante é o de atribuição de responsabilidade (32%), e a causalidade apontada é direta em 71% dos casos: há um culpado, não um sistema. É por isso que o gráfico importa: ele mostra que a conversa sobre o dano às famílias está sendo feita por quem tem palanque, e que a vítima real — o apostador endividado, o jovem que perdeu o controle — entra no debate como objeto retórico, não como sujeito. Quando o político fala do dano, ele fala para o eleitor; quando o influenciador fala, fala para o algoritmo; e o usuário comum, que é quem de fato vive o problema, só consegue ecoar a indignação em contas que mal se distinguem de automação. O resultado é uma disputa em que o sofrimento é citado, mas não é ouvido: os papéis actanciais-morais atribuídos às entidades citadas — o MAPAM, que identifica quem sofre, quem causa, quem deveria proteger e quem deve reparar — distribuem 41% das menções à vítima e 33% ao agressor, com apenas 21% ao protetor e 1% ao reparador. Ou seja, o debate nomeia o dano e o culpado, mas quase não aponta quem deve consertar. E é exatamente essa lacuna que o gráfico expõe: um assunto de saúde pública e endividamento popular transformado em ringue eleitoral, onde a exposição se ganha acusando, não acolhendo.

27 · As publicações mais engajadas sobre o dano das apostas

O que mais viraliza no debate sobre o dano das apostas não é o vício em si, mas a conta que ele impõe ao Estado e à família — e quem lucra com essa desgraça. As publicações mais engajadas deste recorte, que reúne os textos que falam de bets e, ao mesmo tempo, de vício, dívida, suicídio, saúde mental, família ou jovens, mostram uma disputa em que a indignação moral contra as casas de apostas e contra quem as defende responde pela maior fatia da exposição: a publicação de maior engajamento do gráfico, um perfil classificado como possível bot, responde por 23,2% de todo o engajamento do recorte e crava o enquadramento que organiza o resto — o Sistema Único de Saúde tendo de abrir leito de saúde mental para dependência de aposta, com o bordão de fechar os quiosques. É o dano coletivizado contra o lucro privado, e aí está o nervo do debate.

O que este gráfico revela é uma economia da atenção em que o dano social vale mais que o argumento regulatório. As dez primeiras posições se dividem entre quem denuncia o custo humano — o presidente Lula, em duas publicações que somam 16,2% do engajamento total e falam de dívidas, sofrimento e conflitos familiares, e o deputado André do Prado, com 10,0%, cravando que o dinheiro do trabalhador pertence à mesa da família e não às casas de apostas — e quem ataca os clubes de futebol por defenderem o modelo que deles depende, caso da publicação de 8,7% que acusa as agremiações de admitirem depender do vício alheio, e da de 4,0% que lembra que esses mesmos clubes não se unem contra o racismo nem contra a violência doméstica. A nota conjunta dos clubes contra a proibição funciona, aqui, como o agressor coletivo: o dinheiro do esporte convertido em sócio do dano. Vale notar o que a régua do engajamento esconde: o alcance não acompanha a exposição — a publicação de 10,0% do engajamento alcançou 3,8 milhões de visualizações, enquanto a de 23,2% ficou em 406 mil, o que sugere que a indignação de base se concentra em poucos posts muito interagidos, e a mensagem presidencial circula por outro caminho, o do alcance distribuído.

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

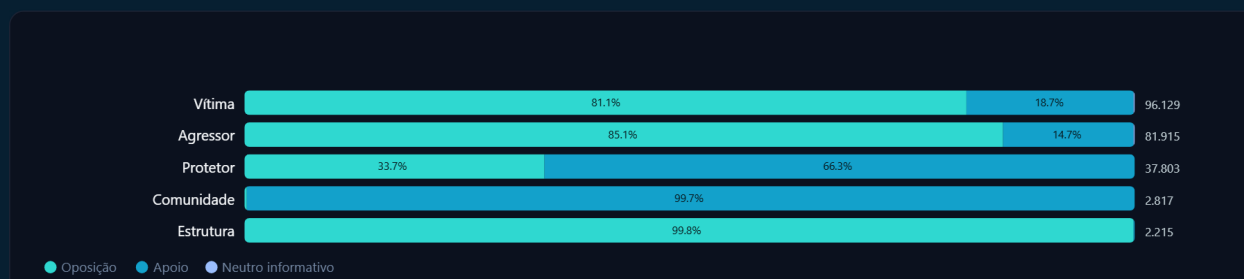
#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
1	o sus teve que implementar tratamento pra vicio em aposta no CAPS e vocês tão achando que é brinquedo a coisa pqp fechem os QUIOSQUES +ao · Possível bot · Twitter/X · 2026-09-18 SAÚDE PÚBLICA, SUS, FILAS E SERVIÇOS ESSENCIAIS · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO · RAIVA	124.618	408.491
2	As bets chegaram à vida dos brasileiros como promessa de diversão, mas, para muita gente, viraram dívidas, sofrimento, conflitos familiares e problemas de saúde. Desde que assumimos o governo, decidimos enfrent... Luiz Inácio Lula da Silva · Político · Instagram · 2026-09-02 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA	57.527	0
3	Aumento do bolsa família Mounjaro no sus Fim das bets É 13 confirma https://t.co/phrOfNFZr9 Nidéwãna 🍷 · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA	56.029	204.002

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
4	SOU CONTRA AS BETS! Minha posição é clara: sou contra os jogos de apostas e defendo o fim das bets no Brasil. O dinheiro do trabalhador precisa estar na mesa da família, não nas casas de apostas. André do Pra... André do Prado · Político · Instagram · 2026-09-09 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	54.048	3.797.889
5	É muito grave a nota dos clubes contra o fim das Bets. Eles estão dizendo que DEPENDEM da desgraça, vício e de milhões de pessoas perdendo dinheiro. Se as Bets acabassem porque as pessoas reduziram... Análise Política · Político · Twitter/X · 2026-09-17 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO · DESPREZO	47.034	500.965
6	Imagina a Anitta processando ele por intolerância religiosa, ganhar e pegar todo o dinheiro que ele ganhou divulgando BETS e doar para projetos sociais de saúde mental?????? Travesti que Habla 🇧🇷 · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-11 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, RACISMO RELIGIOSO E CONFLITOS ENTRE CRENÇAS · POSITIVO · ESPERANÇA	44.995	641.599
7	Vamo pra cima galera!!!!!! Essa pode ser a melhor e mais corajosa noticia dos últimos anos no Brasil!!!! As famílias todas torcem para que esse inferno das bets chegue ao fim!!!! Eduardo Moreira · Político · Instagram · 2026-09-18 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA · ALEGRIA	35.127	263.357
8	A gente não pode fechar os olhos para um problema que já entrou na vida de milhões de brasileiros: o avanço das bets e os impactos que elas podem causar nas famílias. Desde o início do nosso governo, estamos enfrentand... Luiz Inácio Lula da Silva · Político · Instagram · 2026-09-02 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO · ESPERANÇA	29.734	392.447
9	@Flamengo Vai tomar no cu pô Vai diminuir pra todo mundo, mas vamos seguir. O prejuízo pras famílias é muito pior do que uma diminuição de receita pros clubes. Quem faz o futebol são as pessoas, e elas estão... bg · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-09-17 OUTROS · NEGATIVO · RAIVA · INDIGNAÇÃO	26.509	286.049
10	Os clubes brasileiros não se unem pra combater racismo, nem violência doméstica, nem violência nos estádios. Não se unem nem pra formar uma liga nacional viável. Mas se uniram pra defender as bets que consomem a... croba · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-09-18 FEMINICÍDIO, VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E PROTEÇÃO ÀS MULHERES · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO · DESPREZO	21.388	85.146

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
11	A nota conjunta dos clubes brasileiros contra a proibição das Bets é muito preocupante. Significa que o modelo de financiamento dos clubes brasileiros depende do vício em jogos das pessoas e de tudo de maléfico... Tauat Resende · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-17 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	21.384	119.908
12	fim das bets aumento do Bolsa Família caneta emagrecedora no SUS fim da escala 6x1 aumento real do salário mínimo ensino integral em todas as escolas públicas LULA 13, você não é presidente. você é um pai. 🤖 ... IGU · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-18 TRABALHO CLT, JORNADA, SINDICATOS E DIREITOS TRABALHISTAS · POSITIVO · ESPERANÇA · ALEGRIA	20.049	102.063

A leitura moral confirma o diagnóstico: no perfil do recorte, o vício da degradação aparece em 94% dos textos, o dano em 82%, e a ameaça à família é o segundo enquadramento específico mais acionado, em 22% — a fundação do cuidado ferida é o motor afetivo da onda. A polarização é baixa em 77% dos casos, o que indica que não se trata de briga ideológica, e sim de convergência moral contra um alvo comum: as bets e quem as patrocina. E é aí que o gráfico entrega o seu achado mais fino. O apoio à restrição não é monopólio de um campo — Lula, o influenciador Eduardo Moreira e perfis de esquerda aparecem lado a lado com vozes que nada têm de governistas, todos convergindo para o mesmo pedido de fim das apostas. A oposição, quando surge, não é oposição à proibição: é oposição aos clubes que a combatem, é oposição à hipocrisia de quem lucra com o vício. Ou por outra: o gráfico não mostra uma disputa entre pró e contra as bets, mostra uma disputa entre quem denuncia o dano e quem tenta salvar o negócio que o produz — e o segundo lado perde feio na exposição.

Vale dizer o que isso significa para a tese do painel. Se as publicações mais engajadas sobre o dano das apostas são, quase todas, pedidos de fim das bets ancorados no sofrimento da família e no custo para o SUS, então a onda que o governo tenta capitalizar já existe antes da medida provisória e não depende dela para circular. A indignação está posta, o alvo está nomeado, e o que resta em disputa é apenas quem colherá politicamente essa maré — não se ela vai subir.

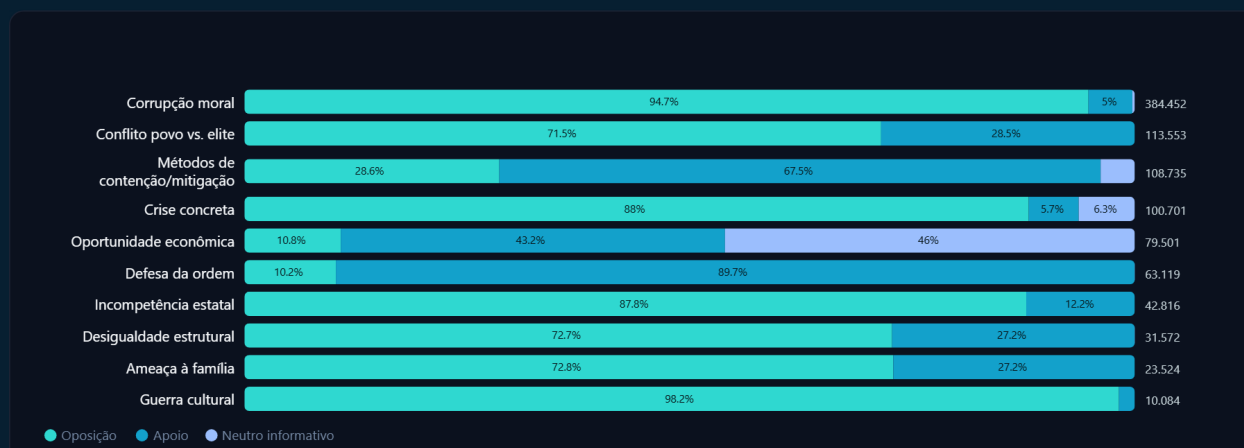


28 · Apostas e pobreza (Bolsa Família, periferia, benefício): que papéis o discurso distribui

■ Oposição
 ■ Apoio
 ■ Neutro informativo

O gráfico mostra que, o cruzamento entre apostas e pobreza, a disputa não se trava sobre o mérito da restrição às bets, mas sobre quem ocupa o lugar de vítima e quem ocupa o de algoz — e a oposição à restrição vence essa corrida moral de forma esmagadora. Dos papéis atribuídos às entidades citadas quando o texto se posiciona contra a restrição às apostas e o governo que a propõe, a vítima responde por 77% e o agressor por 81,1% dentro de cada barra; no conjunto do gráfico, essas duas células somam 32,6% e 28,1% de toda a distribuição de papéis, ou seja, quase dois terços do retrato moral do recorte. O apoio à restrição, por sua vez, concentra-se no protetor: 66,3% da barra de apoio e 13,4% do total. É uma assimetria reveladora. Quem ataca a medida provisória que restringe as bets e proíbe o cassino online não precisa defender o setor — basta apontar a vítima (o beneficiário do Bolsa Família, o morador da periferia, o endividado) e o agressor (o governo que, na leitura desses textos, criminaliza o pobre ao cercear o que ele faz com o próprio dinheiro, ou as próprias bets que o exploram, conforme o caso). Quem defende a restrição, ao contrário, precisa construir a figura do protetor — o Estado que ampara — e essa construção ocupa 43,3% da barra de apoio, mas apenas 10% da barra de oposição, onde o protetor é quase inexistente. Vale dizer: a oposição à restrição fala a língua da denúncia; o apoio fala a língua da tutela, e a tutela, no debate público, é sempre mais difícil de vender.

O dado mais eloquente, porém, está no que quase não aparece. O reparador, aquele a quem se atribui a tarefa de consertar o dano, responde por 0,1% do total e aparece exclusivamente na oposição à restrição — ou seja, o campo que denuncia o dano social das bets não aponta quem deve repará-lo. A comunidade, o coletivo afetado, é praticamente invisível: 1,5% do total, quase toda no apoio. E a estrutura, a engrenagem que reproduz o dano, aparece em 1,2% do total, também quase toda na oposição. O quadro que emerge é o de uma disputa que moraliza sem propor saída: de um lado, a oposição à restrição vitimiza e acusa; de outro, o apoio protege, mas não repara. Nenhum dos dois lados transforma o sofrimento do apostador pobre em projeto de reparação — e é exatamente aí que a discussão sobre o que fazer com as bets, para além de proibir ou liberar, fica órfã.



29 · Apostas e FUTEBOL (clubes, patrocínio, camisa, CBF): os enquadramentos do dinheiro do esporte

● Oposição ● Apoio ● Neutro informativo

O dinheiro das bets no futebol não é debatido como política pública: é julgado como corrupção moral, e a oposição às apostas e à sua restrição fala a língua do escândalo, não a da regulação. A evidência é escancarada. No cruzamento entre os enquadramentos específicos do debate brasileiro — as grades de sentido com que cada texto organiza o assunto, como corrupção moral, crise concreta ou conflito povo versus elite — e o posicionamento de cada publicação diante da restrição às apostas, a corrupção moral responde por 37% de todo o engajamento do gráfico e por 94,7% da composição da barra em que aparece, com 53% dela concentrada na oposição. Ou por outra: quando o assunto é a camisa do clube, o patrocínio, a CBF, o

que move a audiência não é a pergunta sobre quantos por cento do faturamento vai para o Estado nem sobre o endividamento do torcedor — é a acusação de que algo podre se instalou no esporte. O enquadramento da crise concreta, que trata o problema como fato urgente e datado, fica com 8,9% do engajamento total e 88% de sua barra na oposição; o conflito povo versus elite, que divide o mundo entre a maioria lesada e os poderosos, aparece com 8,2% do total e 71,5% de sua barra na oposição. Vale dizer: os três enquadramentos mais mobilizados são todos de acusação, e todos apontam para o mesmo lado.

Do outro lado, o apoio à restrição — ou à manutenção do quadro que ela propõe — não se constrói pela denúncia, e sim pela contenção: os métodos de contenção e mitigação, que tratam o problema como risco a ser administrado por regras e fiscalização, respondem por 7,4% do engajamento total e por 67,5% da barra em que aparecem, com 29,4% dessa barra no campo do apoio; a defesa da ordem, que invoca a autoridade legítima contra a desordem, fica com 5,7% do total e 89,7% de sua barra no apoio. A oportunidade econômica, que enquadra o setor como negócio e arrecadação, é o único frame em que o relato neutro domina: 70,6% de sua barra é informativa, contra 13,7% de apoio e 1,2% de oposição — e ainda assim responde por 3,7% do engajamento total. Há, portanto, uma assimetria que este gráfico escancara: a oposição tem à mão o vocabulário do escândalo, do conflito e da desigualdade estrutural, enquanto o apoio se expressa sobretudo em linguagem administrativa, de contenção e ordem, e o relato neutro se refugia na economia. Quem defende a restrição às apostas no futebol precisa, para furar a bolha do escândalo, encontrar uma gramática que dispute o mesmo afeto — e este gráfico mostra que ela ainda não a encontrou. A desigualdade estrutural, que lê o patrocínio como sintoma de um país que transfere renda do pobre para o cassino, aparece com 2,3% do engajamento total e 72,7% de sua barra na oposição; a ameaça à família, que desloca o dano do torcedor para o lar, fica com 1,7% do total e 73,7% de sua barra na oposição. São frames de denúncia que, somados, ainda pesam pouco diante da corrupção moral — e é justamente aí que reside o risco político: se o debate sobre o dinheiro das bets no esporte se cristaliza como escândalo de corrupção, a discussão sobre regulação, taxação e proteção do apostador perde o palco para a acusação, e quem propõe restringir o setor acaba tendo de se defender de ser cúmplice do que denuncia. O gráfico, em suma, não mede o mercado de apostas nem o tamanho do patrocínio nos clubes: mede como o país fala do dinheiro que entra pela camisa — e o que ele diz é que esse dinheiro já entrou no debate pela porta da vergonha, não pela da conta.



30 · Apostas e FUTEBOL: as instituições citadas e o tom de cada citação

■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

O cerco narrativo às bets no futebol é, antes de tudo, um cerco ao Estado que deveria contê-las: entre as instituições citadas quando o assunto é aposta e futebol, o Governo Federal e o Ministério da Fazenda concentram 34,2% e 31,5% de todo o engajamento do gráfico, e o fazem sob tom negativo em 98,7% e 99,9% das citações de cada um — ou seja, a discussão sobre o dinheiro das casas de apostas na camisa, nos clubes e na CBF desagua quase invariavelmente em cobrança contra quem regula, não em defesa do setor. O Congresso Nacional vem em terceiro, com 20,0% do engajamento, também esmagadoramente negativo (97,4% das citações), o que desenha um enquadramento de responsabilidade: a indignação não se dirige ao apostador nem ao clube, mas a quem tinha o dever de fiscalizar e não o fez — a causa do dano é atribuída à estrutura regulatória, não ao vício individual.

O dado mais eloquente, porém, é o contraste com o Senado Federal: é a única instituição com fatia relevante de tom positivo (2,8% do engajamento total, com 64,5% das citações nessa valência), o que sugere que, no imaginário do debate, o Senado aparece como arena onde algo pode ser feito — a CPI, a lei, a restrição —, enquanto o Executivo e sua equipe econômica figuram como o lado que liberou, taxou e agora tenta recuar. Vale dizer: a mesma instituição que concentra a esperança de contenção é a que menos engajamento negativo atrai, e isso não é acaso, é leitura política. Os demais órgãos citados — Ministério da Saúde, Polícia Federal, ALERJ, governos estaduais, partidos como PT, PCdoB e PSOL-REDE — aparecem em fatias residuais e quase todas negativas, o que indica que a disputa sobre apostas e futebol não se dispersa: ela se concentra num triângulo Executivo-Fazenda-Congresso, e é ali que a batalha narrativa se decide. Para quem comunica, o recado é direto: defender a restrição às bets no futebol exige responder ao desgaste já acumulado sobre o Governo Federal e a Fazenda, e o Senado é o único espaço onde o tom positivo ainda tem espaço para crescer.

Sem dados nesta fonte.

31 · Anúncios pagos que falam de apostas: quem anuncia, quem paga, quanto e para quem

O dinheiro que fala de apostas na propaganda paga não vem das bets: vem de candidatos que usam o tema como isca de campanha. É o que este gráfico mostra — o retrato dos anúncios políticos da Meta que mencionam bets, apostas, tigrinho, cassino ou jogos de azar, quem os financia, quanto declaram gastar e para quem entregam. O gasto declarado no recorte fica entre cerca de R\$ 1,48 milhão e R\$ 1,92 milhão, e a distribuição por financiador é reveladora: a maior fatia isolada do dinheiro está em anúncios sem financiador declarado, seguida de longe por um punhado de comitês eleitorais de 2026 — deputado federal, deputado estadual e a própria campanha presidencial de Lula, que concentra o maior gasto individual entre os financiadores identificados. Ou seja: o assunto entra na propaganda paga não como defesa ou ataque às casas de apostas, mas como tema de campanha, capturado por quem disputa voto em 2026. A esmagadora maioria dos anúncios declara gasto abaixo de R\$ 100, o que confirma a leitura: é pulverização de campanha, não investimento de setor.

A entrega reforça o diagnóstico. A audiência dominante está na faixa de 25 a 34 anos, com peso relevante também entre 18 e 24 — público jovem, exatamente o que o debate sobre vício e endividamento aponta como o mais exposto às bets. A distribuição por estado acompanha o mapa eleitoral: São Paulo lidera com folga, seguido de Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais e Bahia, e a cauda alcança unidades como Tocantins, o que sugere entrega nacional com concentração nos colégios eleitorais maiores. O que este gráfico diz, portanto, é que a propaganda paga sobre apostas é, hoje, sobretudo propaganda eleitoral: o tema virou ativo de campanha, e quem paga para falar dele são candidatos mirando o eleitor jovem nos grandes estados — não as bets, que aparecem no debate público como objeto da disputa, não como anunciantes dela.



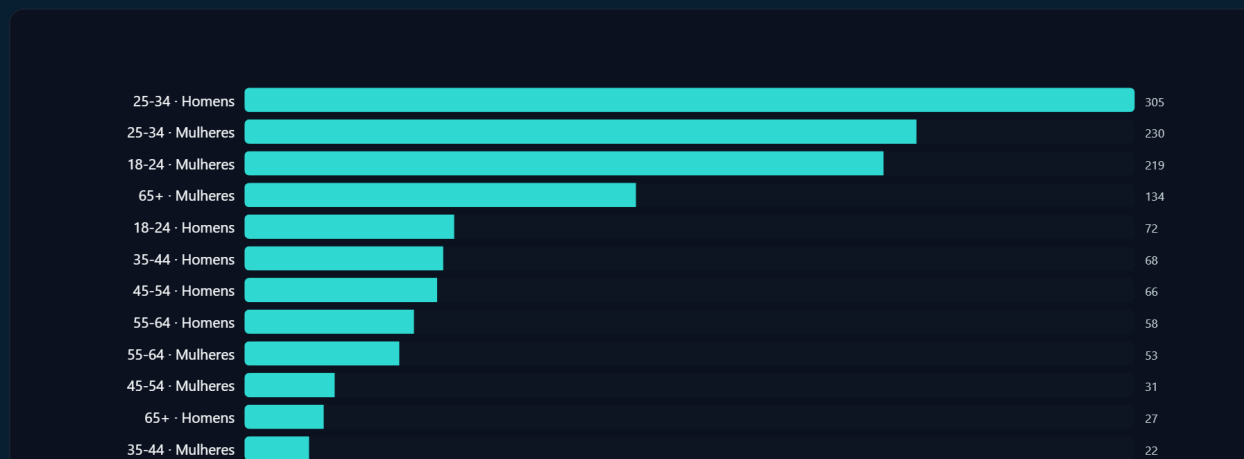
32 · Quem paga os anúncios que falam de apostas, e com que tom

■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

O dinheiro que fala de apostas na Meta não é dinheiro de campanha contra as bets: é verba de pré-candidatos que usam o tema como isca moral, e o gráfico mostra isso com uma clareza quase indecente. Quem paga os anúncios que mencionam bets, tigrinho, cassino e afins são, na esmagadora maioria, comitês e nomes de 2026 — deputado federal, deputado estadual, senador, presidente —, e o tom de cada um segue a conveniência do próprio palanque: Ismael Alexandrino Júnior, pré-candidato a deputado federal, tem 96,4% dos seus anúncios no campo positivo, enquanto Natália Boulos aparece com 100% no negativo, e o mesmo padrão se repete em cada barra, com o percentual dentro da barra quase sempre beirando os cem por cento de um único lado. É propaganda de posicionamento, não de causa: o anúncio serve para o político dizer de que lado está antes que o eleitor pergunte.

O que o gráfico mede é o financiador declarado de cada anúncio — quem assina o "pago por" — cruzado com o sentimento do texto, e a leitura que ele impõe é a de que o debate sobre apostas, no espaço pago, virou território de pré-campanha. Os maiores financiadores do recorte são justamente nomes que disputam 2026, e a valência de cada um funciona como assinatura: quem ataca o adversário carrega o negativo, quem se apresenta como quem enfrenta as bets carrega o positivo. O contexto do painel confirma o pano

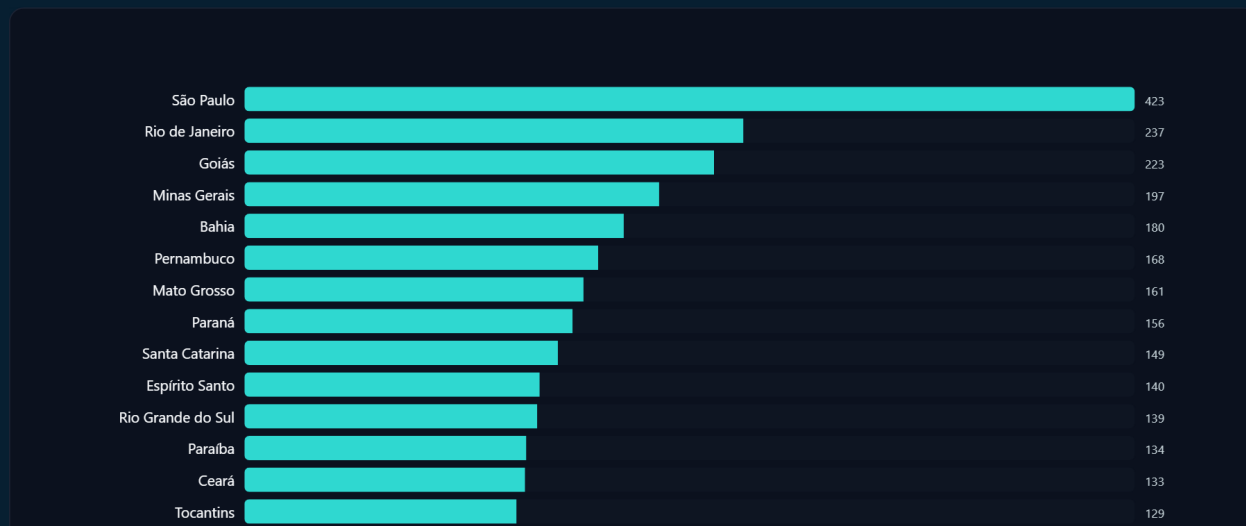
de fundo — 82% de quem publica sobre o tema é político, a emoção dominante é a indignação (68%), o enquadramento mais frequente é o de atribuição de responsabilidade (31%), e a fundação moral do cuidado aparece no polo do dano em 75% dos textos, enquanto a santidade aparece no polo da degradação em 93% —, mas o gráfico acrescenta o que nenhum outro mostra: quem banca esse discurso com dinheiro. E o que ele sugere é que a restrição às bets, bandeira que o governo estuda por medida provisória, já foi capturada como ativo eleitoral por uma fileira de candidatos que falam do assunto para se posicionar, não para resolvê-lo.



33 · Para quem esses anúncios são entregues: idade × gênero

A propaganda paga sobre apostas no Brasil é, antes de tudo, uma operação dirigida a homens de 25 a 34 anos: essa faixa sozinha responde por 23,9% de toda a entrega do recorte, e o público masculino entre 25 e 34 anos é o único segmento que combina volume alto com concentração etária estreita. A leitura, porém, não se esgota aí — o que o gráfico revela é uma segmentação de dois andares, e o segundo andar é feminino e mais velho.

Vale dizer: se os homens de 25 a 34 são o alvo principal, as mulheres de 25 a 34 (17,8%) e as de 18 a 24 (17,1%) formam, juntas, o segundo maior bloco de entrega, à frente de qualquer outra combinação. Some-se a isso o dado mais eloquente do gráfico: mulheres de 65 anos ou mais absorvem 10,5% da entrega — mais do que homens de 18 a 24 (5,6%), mais do que qualquer faixa masculina acima dos 35. Ou por outra: a publicidade de apostas não fala apenas ao jovem apostador; ela alcança, com peso relevante, a mulher idosa, provavelmente na condição de destinatária de mensagens sobre dinheiro fácil, sorte ou complemento de renda. Os homens acima de 35, por contraste, aparecem em fatias modestas e decrescentes (5,2%, 5,1%, 4,5%, 2,1%), e as mulheres de 35 a 54 quase desaparecem do quadro (1,7% e 2,4%). O que este gráfico mostra, portanto, é que a entrega paga do debate sobre bets se organiza em torno de dois polos: o homem jovem adulto, núcleo da aposta esportiva, e a mulher — jovem e idosa —, alvo de uma comunicação que o restante do painel descreve como mobilizadora de esperança e de ameaça à família. É essa assimetria que interessa à disputa: quem paga para falar de apostas não está mirando o apostador médio que a regulação pretende proteger, mas um público mais amplo e mais vulnerável do que a narrativa oficial supõe.



34 · Onde esses anúncios são entregues: os estados

São Paulo concentra 10,6% dos anúncios sobre apostas veiculados na Meta, e a soma de Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Mato Grosso e Paraná — 30,9% — revela que a propaganda paga do setor não é um fenômeno metropolitano, mas uma entrega capilarizada por todo o território: nenhuma unidade da federação fica abaixo de 2,1%, e estados de peso eleitoral médio, como Goiás (5,6%) e Mato Grosso (4,0%), aparecem à frente de praças tradicionalmente decisivas, como Rio Grande do Sul (3,5%) e Ceará (3,3%). Ou por outra: o dinheiro da propaganda das bets não segue o mapa da renda nem o mapa da população — segue o mapa da aposta, e o interior agropecuário e o Centro-Oeste aparecem nessa geografia com um peso que a política nacional costuma ignorar. Vale dizer que os 1,8% de entrega não informada e as frações residuais entregues fora do país completam um quadro em que a distribuição é quase uniforme, o que sugere uma estratégia de saturação nacional, e não de segmentação regional.

O que isso significa para a disputa em curso é que a ofensiva publicitária das casas de apostas se antecipa ao cerco regulatório em todos os quadrantes ao mesmo tempo — e o faz num recorte em que 82% de quem publica é político, 72% do tom é negativo e 68% das emoções é indignação, com a atribuição de responsabilidade respondendo por 31% dos enquadramentos genéricos e o bem comum por 75% dos valores republicanos mobilizados. A oposição à restrição — 56% do posicionamento — fala com indignação em 85% dos seus textos e aciona o vício do dano em 93% das fundações morais de cuidado, enquanto o apoio à medida provisória distribui esperança (42%) e cuidado no polo virtuoso (55%): dois lados que se enfrentam no mesmo terreno moral, um denunciando o dano, outro prometendo contê-lo. Que a entrega publicitária alcance com quase o mesmo peso São Paulo e Rondônia, Goiás e Paraíba, diz o que está em jogo: não é uma disputa por um eleitorado específico, é uma disputa pela presença nacional de uma narrativa — e quem paga por ela está em todos os lugares onde há um voto a ser conquistado ou uma consciência a ser anestesiada.

A Orikom acompanha diariamente o debate público brasileiro sobre política, clima e democracia em redes sociais, portais de notícias e anúncios políticos, e o lê com um conjunto de frameworks de análise do discurso: sentimento, emoções, enquadramentos, fundações morais, valores, papéis actanciais, confiança institucional, polarização e vulnerabilidade democrática. O Laboratório cruza esses frameworks em painéis e relatórios como este, com apoio da Ori, a inteligência analítica da plataforma.

ipse.global

info@ipse.global

+55 21 99514-3404